

ANO IV - N.º 167

27

JULHO

1944

PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

Oferta
-0. NOV. 1998

Marianinha Rey-Colaço vai para o teatro?

(Veja na página 13 o "Sonho dos autores"...)



As finalistas do curso de teatro e do curso de baile prestaram provas na Casa Garrett. (Foto Seródio)

**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Um domingo no mercado

O *Isboeta* madrugador decerto conhece a azáfama buliçosa dos mercados. Não há nada mais vivamente pitoresco, numa clara manhã, com chapas de sol, do que calcular a Ribeira entre lotes de peixe a saltar e montões de hortaliças, canastras de frutas, tudo a boir em sonoros pregões de «mais baratos». As varinas, despenhadas de corpo e língua, pernas nuas e retesas das andanças, meneando os quadris na lufa-lufa de prodigiosos equilíbrios, vão carreando do frigorífico até à beirinha do cais, as gigas atulhadas de sardinhas. E, é vé-las, em corralho, alegres ou franqueando, num passo saltitante e miúdo, correrem por a fora, bêcos e vielas, pátios e travessas, fiernizando a luta pelo pão de cada dia.

No mercado, porém, o colorido, o ar suave de pitoresco que o artista ali encontra, encobre a epopela do trabalho. De manhã, logo nas ceduras, andam os maços, em extenuante labor, derreados, os arcoaboços já afetos a carregos de artobas, despejando galeras e carroças de repolhos, nabos e cheirosas hortelãs, tudo espiçado como um regalo — Deus louvado! — em hortas e quintas nos subúrbios da cidade. E, então, a essa hora, que não é tardança das onze para sapato de pelica descer à rua, ainda se enérgica, meio de esquelha, decilitrando pelo gargalo meia canada, o autêntico soloio, de farripas na caranha sangüinea, melenas encrispadas no barrête «tem-te não calas», calça apertadinha na canela, cinta larga, de dois palmos. Vêm dos arrabaldes, no trotear de mulas, a carroça pejada do que a terra fértilmente lhes deu. Tratem o seu trabalho, o seu suor, as suas esperanças. Voltam, depois, contentes, se a venda não tem mau olhado de vizinho agourento, com uns escudros para recomer a lida e pespega runs fundilhos nas calças coçadas, que mais não dá ele para luzir na mão do pobre.

Camifões da Câmara, ensanguentados, espalham, pelos talhos, inocentes carneiros, decepados, hirtos e regelados, nuana aporia que deveria ter sido brutal. O sangue empastado cai do pescoço quando os espetam nos ganchos de aço, pendurados à porta, com um negro letreiro, como a tabuleta dum coval, a tanto o quillo. São filhas inteiras, um morticínio através. Corações e fígados baloiçam na aragem da manhã, a mancha vermelha duma paisagem de sangue. Noutro talho, um porco esquartejado, aberto, mostra um focinho ainda sujo do focinhar no curral, com as orelhas bezuntadas de terra.

O homem do talho, de avental branco, mangas arregaçadas, faca em punho, com a cara salpicada de sangue, separa o toucinho, enquanto um garoto puxa pelo rabo do animal. No mercado o alvoroço cresce. Gente apressada arrasta, pelo lagoado, caixotes de peixe. Ouve-se o tamanquear contínuo do exército das vendadeiras. De mão nas ilhargas, grita-se, barafusta-se, entre lama e escamas de grossos pargos.

São nove horas — os soloios debandaram — e entra o invasor, o público, com malas, sacos, lancheiras. Daí a pouco nada restará: as hortaliças estarão a cozer em milhares de panelas, do porco e do carneiro não fica mais que uns restos de sêbo e o carimbo da Câmara, que se não guisa por ter tinta. O mercado vive a sua melhor hora.

Em roda das poucas bancas de peixe uma legião de compradores apreça e regateia. Há juras: «seja negra como o corvão se não me custou mais caro», ou, então: «pela alminha de beltrano, se ganho um tostão!».

Dall um pregão, de acóid outro, e todos se cruzam numa balbúrdia inacabável, no susurro medonho do desespero da venda.

Vêm-se pescadas no ar, mãos de nabo, galinhas e um inocente ramo de flores.

O povoleu pára onde vê mais gente.

O mercado, por volta das três horas, fecha as suas portas. Do seu ventre nutrido, quási indigesto, pouco resta.

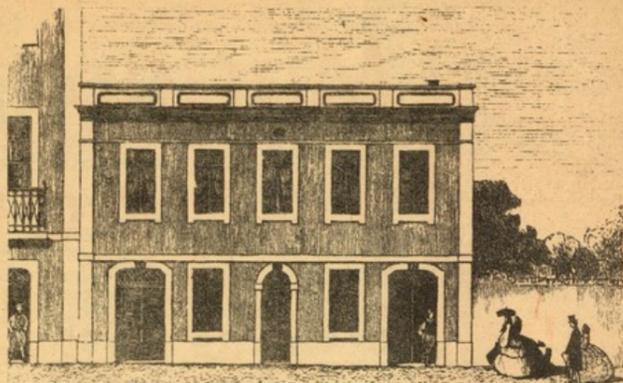
Uma multidão ávida tudo levou.

E só no clarear da outra manhã recomêça aquela luta eterna e medonha, onde cada um se esganica para mais vender e alguns mais se acotovelam para comprar.

MANUEL MARTINHO

Margarida vai à fonte...

(Foto João Martins)



Foi nesta casa que morreu Garrett

O poeta estava moribundo. Nada havia a fazer. Sabia-o a família, que pouco aparecia — e uns raros amigos. No quarto, onde duas irmãs de caridade o rodeavam, havia penumbra. Ao apaixonado lírico custava-lhe a respiração. A sua mão magra levava-a ao peito.

Muitas vezes, costumava dizer ao grande amigo Gomes de Amorim, que, desveladamente, sempre à cabeceira da cama, sofria, com o sofrimento de Almeida Garrett: — «quando morrer, vejão o que tenho cá por dentro a roer-me!».

Nem ele, ao certo, sabia o que tinha.

Queixava-se de tudo, o fígado, o coração, o pulmão — mas com ar alegre de quem não deseja esmorecer, apontando a cabeça ripostava: — «só isto é que nunca me doe!».

De facto, Garrett que trabalhara intelectualmente, nunca sentira uma ligeira dor de cabeça. Homem elegante, de grande insinuação, a sua vida tinha sido das mais caluniadas de todos os tempos. Amoroso, ele sabia cantar o amor com a paixão duma alma sonhadora. A sua vida aventureira era discutida. Gomes de Amorim refere-se assim ao poeta quando nos últimos momentos de vida ele era uma páldia sombra do que fôra:

«Garrett não podia já deltar-se; estava sentado na cama, rodeado de almofadas e travesselros, em que descansava o corpo, encostando-se ora para um lado, ora para outro. Estava muito magro e um pouco desmaiado, mas sem fazer grande diferença da sua cor natural. Os olhos conservavam a limpidez e brilho que deviam ter aos vinte anos, no vigor da saúde e da mocidade. Nunca se queixou de outro mal senão do que dizia ter no pulmão, coração ou fígado.

Ele não sabia bem onde era a origem. Nunca teve uma dor de cabeça e nos últimos dias da sua vida, exclamava amiludadas vezes:

«Ei-de morrer sem me doer esta cabeça».

Sómente nos três ou quatro últimos dias que precederam o da sua morte, sentindo-se extremamente fraco, não podia ouvir o ruído das seges que passavam pela rua. Mandei, para amortecer esse ruído, deltar ali algumas cargas de areia, depois de ter pedido a permissão à Câmara Municipal, que a deu imediatamente, escrevendo-me o seu digno presidente uma carta cheia de sentimento. O poeta havia-se confessado, a pedido seu, em uma das ocasiões que se achou pior, mas tornando a sentir algum alívio, disse-me que se não considerava bem confessado, e que precisa fazê-lo de novo, melhor e mais de vagar.

Tornou porém logo a piorar, e eu, temendo que de futuro se me imputassem as faltas que pudessem ocorrer, não por minha culpa, mas pela dos que depois seriam os primeiros a acusar-me, tomei a deliberação, de acôrdo com Gonçalves, um grande amigo, que foi apresentado por mim ao poeta na minha casa da Travessa do Forno, de chamar um confessor; mas para não fazer sentir bruscaente ao enfermo que já nada havia a esperar, lembrei-me de que ele tinha muita predilecção por um venerável eclesiástico, con-

fessor das religiosas Salésias, e fui pedir a este, por intervenção do sr. D. Pedro Muscoso, que fôsse, a título de visita, ver se Garrett queria confessar-se-lhe.

O excelente homem logo se meteu comigo na sege, e partimos. A chegada a casa, escondi-me, e deixei entrar o padre. Este penetrou no quarto do doente, que o abraçou, e creio que logo adivinhou tudo porque mandou sair no mesmo instante as duas santas irmãs de caridade, que eu tinha reclamado para o tratarem, e começou a sua confissão. Devia ser um espectáculo admirável e patético o ver aquêle bom velho proecto na idade, na virtude, e na fé, cobrindo com os seus cabelos, brancos de neve, e lavando com as suas lágrimas de admiração e perdão o arrependimento daquêle peccador ilustre, tão acusado, tão culpado talvez, mas o mais caluniado homem da terra!

O padre, o grande e verdadeiro padre da igreja de Jesus Cristo, o padre que dando o exemplo da virtude perdoa, absolve e abençoa os que se arrependem, o padre que acabou de confessar a João Baptista de Almeida Garrett, safo, ao fim de uma hora, sufocado, soluçando, com o rosto alagado de pranto, as mãos postas e podendo dizer apenas de passagem, cheio de pasmo e de unção religiosa e de sagrado entusiasmo:

— Que grande homem! que alma, que exemplo admirável!

Dezembro a frio, ventoso. As árvores nuas eram descarnadas como os braços do poeta! E ele que gostava de cantar a Primavera, morria, morria aos poucos naquela casa da Rua de Santa Isabel, n.º 78...

PEQUENA REPORTAGEM

Um concerto de música clássica num pátio de Quartel!

TODOS os sábados, à tarde, menos quando chove e a banda está em férias — geralmente em Setembro — há concerto. O *Isboeta* aprendiz de boa música passa ali, no quartel do Carmo, uma deliciosa tarde ouvindo os melhores compositores. Gente de trabalho, muitos empregados da Carris, músicos reformados, e, numa mínima percentagem, algumas senhoras nas largas janelas que deltam para o pátio.

É no vasto terreiro do quartel do Carmo que os concertos são executados. Aquilo ali eram as cavalariças — e ainda hoje se pode ouvir, ao natural, a «Cavalaria Rusticana», com o relinchar das alamarrias que, sobressaltadas pelos acordes da música, desatam a acompanhá-la na sua linguagem comum.

O coreto, em madeira, alto, em cima dum estrado, é ainda recente; à volta há cadeiras para quem se quiser sentar.

Custa um lugar \$50 — e, se atendermos que a receita reverte para o cofre das viúvas e órfãos dos soldados daquela corporação, achamos aquela quantia irrisória.

O concerto vai começar. No largo

coreto ouve-se já uma miscelânea de notas desafinadas — para se arranjar a afinação. São quási cem músicos, todos graduados, alguns dos melhores executantes que em Portugal existem.

Um cabo, delicado, anda com um monte de programas a oferecê-los à assistência. Este papelinho, onde vem sempre descrita a peça de fundo, é assinado pelo maestro, o tenente Lourenço Alves Ribeiro. As janelas estão apinhadas. Famílias de oficiais e de músicos, amadores da boa música e curiosos que vão ali para verem tantos instrumentos que não conhecem.

No pátio, os que estão em pé, comentam as peças que irão ouvir.

Um velhote, de cabelo branco, muito curvado, com os olhinhos cheios de brilho, atira: «Vi o Taborda reger esta sinfonia! Que saudades! Era um grande maestro!».

Um outro mete-se na conversa: — E o Canhão em cornetim? Catão! A rainha ofereceu-lhe um cornetim de prata!

Recordam-se, assim, figuras desaparecidas da música! Para estes, que já do-

braram os oitenta, nada há como o antigo.

O maestro sobe ao estrado.

Ouvem-se palmas. As estantes têm já as pautas. O público acomoda-se melhor. O microfone da Rádio Renascença, que transmite o concerto, está pronto a entrar em acção. Faz-se um silêncio profundo. A batuta sobe acima da cabeça do maestro. E os primeiros acordes rompem. É de Wagner a música. Os metais ferem o ar com estridência.

Dum canto, um sujeito chama um amigo — e, logo, trinta, quarenta ou mais schül, schül, schül, se ouvem de repemenda. Ninguém quer deixar de apreciar a «abertura». Wagner, no meio da barulheira, desaparece da estante para dar lugar a um apaixonado Grieg — a sinfonia lírica, as flautas, «requintas» — tudo com surdina. A assistência entusiasma-se — e as palmas, que são tanta vez sinal de snobismo nos concertos elegantes, saem espontâneas, vibrantes, quentes — dum público humilde que sabe apreciar — e sente a música como artista.

O concerto vai terminar — no sábado lá estarão todos, se não chover.

Recordam-se, assim, figuras desaparecidas da música! Para estes, que já do-

braram os oitenta, nada há como o antigo.

Ouvem-se palmas. As estantes têm já as pautas. O público acomoda-se melhor. O microfone da Rádio Renascença, que transmite o concerto, está pronto a entrar em acção. Faz-se um silêncio profundo. A batuta sobe acima da cabeça do maestro. E os primeiros acordes rompem. É de Wagner a música. Os metais ferem o ar com estridência.

Dum canto, um sujeito chama um amigo — e, logo, trinta, quarenta ou mais schül, schül, schül, se ouvem de repemenda. Ninguém quer deixar de apreciar a «abertura». Wagner, no meio da barulheira, desaparece da estante para dar lugar a um apaixonado Grieg — a sinfonia lírica, as flautas, «requintas» — tudo com surdina. A assistência entusiasma-se — e as palmas, que são tanta vez sinal de snobismo nos concertos elegantes, saem espontâneas, vibrantes, quentes — dum público humilde que sabe apreciar — e sente a música como artista.

O concerto vai terminar — no sábado lá estarão todos, se não chover.

JOSE BRAZ FERNANDES REIS — Rua Castilho, 12, 3.º — LISBOA.

Os ceguinhos de nascença...



QUE importa? Sofrem muito. O destino magoou-os, roubou-lhes a vista, muitos são ceguinhos de nascença. Mas são raros os que vivem exclusivamente da esmola. Quási todos trabalham. São músicos, cauteleiros, cantam, vendem papel de carta, agulhas ou alfinetes. As vezes, o público e os jornais protestam: não pode ser. Lisboa é a Meca de quantos cegos há por esse país fora, a Terra da Promissão ou a árvore das patacas... O certo, porém, é que os cegos enchem as ruas da sua música — e às vezes tocam tão bem, que dá vontade de parar para os ouvir, abrir as janelas de par em par e deixar entrar a melodia, a poesia dolente do som dos seus violinos.

Mas nem todos ganham cantando ou tocando. Há-os que trabalham por aí, na venda de pequenas coisas.

Não é verdade que as caras que aqui se vêem são tôdas nosas conhecidas?

(Fotos SERODIO)

Um quadro permanente

HÁ oito dias e há quinze dias se encerrava neste mesmo lugar a anotação semanal com uma sugestão que a uns terá parecido espantosamente sibilina e a outros perigosamente vulcânica: que esta guerra — declarações de responsáveis alemães — é decisiva para os próprios destinos do Reich durante muitas gerações; que as soluções políticas estão menos maduras que as soluções militares; que da conjunção destas duas verdades se poderia extrair uma terceira, a de sermos forçados a admitir, perante tais perspectivas, todas as hipóteses, por muito absurdas que nos parecessem.

Está claro que quem require que se admita o aparentemente absurdo require admissão para tudo... Mas o aparentemente absurdo, se não concretamente enunciado, estava manifestamente deduzido e, na medida do possível, oferecido à consideração do leitor mais atento: porque há hipóteses que o comentador, ainda que de si para si as considere, não se sente disposto a pôr claro, sem que pressinta em si mesmo uma certa conta de rubor intelectual. Mas os factos trouxeram, por outra via, uma impressionante ilustração à nebulosa daquelas conjecturas... Em plena Câmara dos Comuns (todos continuamos a dizer e a escrever dos Comuns quando sabemos perfeitamente que tradução justa e única seria das Comunas), vários deputados bombardearam o Primeiro Ministro com uma série de interrogações: que se faria da Prússia Oriental; que se daria aos polacos; que se faria se os dirigentes alemães operassem uma transformação política e aderissem ao comunismo; que diferenças é que havia entre o comunismo e o nazismo... O sr. Churchill, com a sua longa experiência de lutador e repentista, respondeu desembaradamente que sobre isso poderia escrever uma brochura. Por aí se ficou a história — mas havemos de convir que esta história, mesmo sem que o Primeiro Ministro britânico escrevesse a sua brochura, caberia muito bem dentro daquelas absurdas hipóteses de que se fez referência no ponto de partida para estas considerações...

No quadro das surpresas, em boa verdade, tudo se pode incluir — até mesmo o episódio do enigma que explodiu no Quartel-General itinerante do chanceler alemão. A data de ter de ordenar este apontamento, não se sabe dos factos mais que a sua linha geral: explosão do enigma a dois metros de Hitler, atingido ligeiramente, sem, a menor gravidade; treze dos seus colaboradores atingidos com gravidade maior ou menor, dois deles mortos; a atribuição da autoria do atentado a uma conspiração de generais, alguns dos quais se suicidaram e outros foram fuzilados; foi sobre um coronel-conde que caiu a acusação de pessoalmente ter colocado o explosivo. Isto é, a conjura, que parece suficientemente caracterizada como sendo manifestação de «junktens», aparece fundamentalmente como expressão de uma atmosfera do desentendimento entre o Partido e o Estado-Maior alemão. Em 30 de junho de 1934, o general von Schleicher, que representava a facção «junker» foi eliminado na altura decisiva de uma crise que chegou a revelar sintomas de gravidade. O Partido reergueu-se, tomou os comandos, adaptou os que permaneceram sem a percentagem total de ortodoxia, fez em 1936 a remilitarização da Renânia, presidiu à reincorporação do Sarre, à anexação parcelar da Checoslováquia, à da Áustria, entrou na guerra, liquidou a Polónia, fez a campanha-relâmpago de ocidente, chegou aos confins onde a Europa bordejia a Ásia. A etoquência de tantos êxitos submeteu os descontentamentos. O Estado-Maior alemão — um corpo especial de «élites», que tem sobrevivido a todas as transformações políticas e a todas as guerras, a todas as crises e a todas as hesitações, que é em espírito o mesmo em 1870, em 1914 e em 1939, que é o mesmo com o império, com a república de Weimar e com o nacional-socialismo — não tinha mais que fazer: estava no seu papel secundando o regime que erguera e mantinha o III Reich.

A mudança de sinal na equação algébrica da guerra explica o resto.

J. R. S.

POLÓNIA

UMA FIGURA QUE DESAPARECE

MORREU o coronel Beck que foi ministro dos Negócios Estrangeiros e que deve ter sido, antes da guerra actual, um dos responsáveis pelo drama que na Europa se representa. Filho de um polaco de origem russa, perseguido pela polícia do czar, o coronel Beck há-de ter recebido daí a influência antes que anti-comunista, anti-russa, tão exteriorizada em toda a sua política. De facto, os pais de Beck — o pai foi sub-secretário de Estado, num dos primeiros governos nacionais polacos, em 1920 — refugiaram-se em Stanislavow, então pertencente à Áustria, dando ao filho as verdadeiras tendências de uma política baseada na antipatia das duas raças.

Por outro lado, Beck que combatera nas legiões de Pilsudski, junto dos soldados dos impérios centrais, aliava às suas tendências militaristas, uma grande simpatia pela força e pela organização alemãs. Em 1924, foi enviado a Paris como adido militar — mas, as suas preferências alemãs levaram o Estado-Maior francês a requerer a retirada daquele que, poucos anos depois, em 1930, seria sub-secretário de Estado e, mais tarde, ministro dos Negócios Estrangeiros, onde se conservou até à guerra actual.

Em 1934, Beck assinava com a Alemanha, uma declaração de amizade e de não-agressão. Desde então, na Sociedade das Nações e em toda a parte, Beck jogou ao lado da Alemanha contra a Rússia — sem no entanto deixar de exigir das nações ocidentais o cumprimento dos deveres de protecção e apoio assinados. Diante das múltiplas capitulações da Entente, com o triunfo incontestável do fascismo e do nacional-socialismo, Beck não hesitou em fazer as suas reivindicações: depois de Munique, exigiu a sua parte nos despojos da Tchecoslováquia — sem suspitar que, depois de Praga, viria Dantzig. E que, até 5 de Maio de 1938, data em que Hitler descobriu verdadeiramente o jôgo, o coronel Beck estava convencido de que o seu entendimento com a Alemanha isentaria o seu país da imolação à guerra... Este optimismo chegou a valer-lhe censuras da generalíssimo, o marechal Rídiz-Smigly, adepto fervoroso de uma aliança militar com a França.

Segundo se lê no «Livro Branco» alemão, e em obediência a informações de von Moltk, que foi embai-



Coronel Beck

xador do Reich em Varsóvia, o coronel Beck, mesmo depois da declaração de guerra germanica e da confirmação de garantias inglesas, esperava encontrar uma plataforma para o entendimento germano-polaco.

Num artigo de Gindroz, publicado num jornal suíço, diz-se que Beck, sendo votado uma incondicional e cega veneração ao seu mestre, Pilsudski, de quem foi primeiro chefe de gabinete, o coronel Beck cometeu o erro de querer continuar na paz, os métodos empregados pelo chefe que, ao mesmo tempo, conspirava contra a Alemanha, contra a Rússia e contra a Áustria-Hungria.

A verdade, porém, é que Beck se esquecia de que a própria história havia caminhado para um destino que não lhe reservaria, depois das trágicas provações donde acabava de sair, um papel de grande potência entre as potências grandes.

Depois da derrota, o coronel Beck refugiara-se na Roménia, onde as autoridades britânicas lhe haviam feito chegar às mãos um passaporte em boa forma. Simplesmente, controlada por Berlim, Bucareste submeteu Beck a um regime de severa vigilância. E ali ficou, e ali morreu, portanto, em solidão e tristeza, porque o Governo polaco em Londres nunca lhe perdoou a cegueira, pelo que não achou conveniente empregar bons ofícios para o retirar da Roménia.

Antes de morrer, porém, Beck teve uma grande alegria, porque, apesar de tudo, foi um ardente patriota: o conhecimento dos feitos guerreiros levados a cabo pelos soldados polacos em Cassino.

ITÁLIA

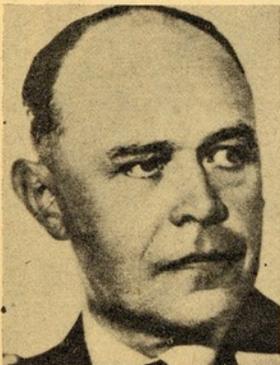
Onde está Kesselring?

De algum modo, o silêncio que o envolve presentemente pode assemelhar-se bastante ao segredo de que se rodeou Rommel, na Tunísia, quando as suas tropas, batidas a oeste de Akarit, abandonaram Sfax e Soussse, para se deter só à chegada a Enfideville.

Alguns comentadores de guerra supuseram, ao princípio, que este recolhimento de Kesselring podia muito bem significar uma preparação de combate sobre uma linha que passasse por Viterbo e Terni. Simplesmente, ambos esses objectivos foram há muito ultrapassados — e as suposições mostraram-se infundamentadas.

Houve, por outro lado, quem supusesse que a linha de defesa iria de Florença a Rimini. Mas Florença foi considerada cidade aberta — e o general alemão que beneficia ainda das vantagens que lhe oferecem os Apenninos, resolveu, por certo, estabelecer a sua grande frente mais para além. Seja como for, Kesselring não desiste. Os Aliados sobem persistente e destemido, e por isso se interrogam enquanto avançam: — Onde estará a linha de defesa que o famoso general vai impor às tropas invasoras?

Na foto, vemos Kesselring quando visitava um aeródromo na Tunísia, pois, como se sabe, o notável militar havia sido nomeado chefe das forças aéreas alemãs na área do Mediterrâneo.



A abertura da frente de oeste e o importante desenvolvimento das operações na Normandia fez passar para um segundo plano a campanha de Itália — não obstante a sua marcha seguir a toda a velocidade, num impulso cheio de juventude.

Como se sabe, as forças alemãs em Itália são dirigidas por Kesselring, que depois da conquista das linhas «Gustavo» e «Hitler» deixou de figurar nos comunicados do Reich. Onde está, pois, o famoso general alemão, que não é de molde a deixar-se vencer nem a dar-se por vencido?

INGLATERRA

Uma anedota

ESTÁ provado que os ingleses são humoristas da melhor cotação do mundo da psicologia. Mas, além da sua força de humoristas — os ingleses têm uma fraqueza: a das apostas. Apostar, para um inglês, é tão bom ou melhor... do que pescar.

Aqui damos relato de um caso que, tendo carácter anedótico, é facto real — pelo menos relativamente...

Um soldado horrorosamente mutilado, foi conduzido a um hospital de campanha. O médico pediu morfina e, então, porque julgava o ferido sem sentidos, proferiu:

— É um caso desesperado...

O «Tommy» abriu os olhos e murmurou apenas:

— Aposto 5 «shillings» que ainda não é caso desesperado!

— Está bem! — disse o médico admirado de tanta tenacidade e força de vida.

Depois, fez a operação, coseu o doente, fez-lhe os pensos e perdeu a aposta!

HOLANDA

HOLANDESES ASSOEM-SE!...

A rádio clandestina holandesa acaba de difundir um conselho que tem seu quê de pitoresco. Ora oijam — ou leiam, como se ouvissem...

«Para qualquer pessoa se assoar, precisa de um quarto de minuto. Mas, para se assoar como deve ser, precisa de um minuto completo. Se, frequentemente, os 300 mil holandeses se assoarem como deve ser — com ou sem necessidade — os ocupantes terão, no fim da semana, muitos milhares de horas de trabalho perdidas».

Não chegam a ter graça e espírito inventivo os estratagemas criados pelas durezas da guerra?



Na célebre reunião de Casablanca, De Gaulle ladeado por Roosevelt e Churchill há-de ter compreendido o simbolismo do lugar que as Nações Unidas reservam à França...

Na sua recente visita aos Estados Unidos, o general De Gaulle visita o general Pershing, que foi o chefe supremo do corpo expedicionário norte-americano na guerra de 1918.

FRANÇA

De Gaulle, os Estados Unidos e o futuro da França

NO momento em que o general De Gaulle descia do avião que o transportara até ao aeródromo de Ottawa, o Presidente Roosevelt comunicava, na sua habitual conferência com a Imprensa, que tinha aceitado a Comissão Nacional Francesa, chefiada pelo general, como a autoridade encarregada da administração civil na França libertada.

Todavia, o presidente dos Estados Unidos esclarecia que o governo por ele dirigido não modificava a sua política, visto continuar a não reconhecer a Comissão Francesa como Governo Provisório. Quere isto dizer: a Comissão passa a ter a autoridade dum administrador até ao momento do povo francês estar em condições de escolher, pelo sistema eleitoral, o governo que mais lhe agrada.

Deste modo, a Comissão continua a estar sob a superintendência do general Eisenhower, o qual escolherá a oportunidade em que a administração militar de qualquer cidade, distrito ou província deverá ser transferida para a administração civil francesa.

Esta declaração revelou a mais importante cláusula das conversações realizadas entre o Presidente Roosevelt e o general De Gaulle durante a estadia deste último em Washington, e ao mesmo tempo deu a conhecer ao mundo a situação de De Gaulle perante os Estados Unidos.

Um dos aspectos mais desconcertantes da política internacional, em face dos acontecimentos que estavam a desenrolar-se, desde que foi iniciada a invasão da Europa, manifestava-se pelo estado equívoco das relações diplomáticas entre o governo norte-americano e a Comissão de Argel.

A série de conflitos que deu ao a esta situação iniciou-se no momento em que os Franceses Livres eram considerados os principais culpados da crítica acerba com que, nos países em guerra com o Reich, se comentava a política norte-americana, em virtude do governo dos Estados Unidos manter representação diplomática em Vichy.

Depois, os desembarques nas ilhas de S. Pierre e Miquelon, a atitude assumida durante a curta administração de Darlan no Norte de África, o afastamento do general Giraud e o julgamento de Pucheu tornaram o mau estar entre os americanos e os

franceses de De Gaulle mais latente e intensificaram contra eles a antipatia dos chefes da política externa dos Estados Unidos.

Por outro lado, certas campanhas das Imprensas interessadas lançavam o veneno da discórdia, ora salientando os prováveis desígnios imperiais da república americana sobre as colónias francesas, ora acentuando actos aparentemente ditatoriais do general De Gaulle.

Impunha-se, portanto, uma entrevista entre Roosevelt e o presidente da Comissão Nacional francesa, para com lealdade e franqueza se exporem e consertarem as divergências existentes, esclarecerem e definirem atitudes. Dessa entrevista nasceu o acordo anteriormente referido e as novas concepções políticas que o chefe da França Combatente expôs ao falar com os jornalistas antes de abandonar Washington.

Sem fugir a quaisquer perguntas, por mais indiscretas que fossem, De Gaulle explicou que os avanços aliados em solo francês tinham tornado necessário este entendimento. Referiu-se às negociações de Londres e declarou esperar muito em breve regressar a França para ali instalar os serviços governamentais; e indicou que logo que as circunstâncias o permitam, escolherá uma cidade libertada, que ficará a ser temporariamente, a capital, donde o território francês recuperado será administrado até que a sede da Comissão de Libertação possa ser transferida, definitivamente, de Argel para Paris.

Interrogado sobre as questões coloniais, De Gaulle replicou que não sabia qual seria o destino das antigas colónias italianas em África; mas, ao referir-se aos territórios europeus que anteriormente estavam nas mãos do inimigo, disse que se

riam tomadas algumas medidas práticas de segurança, motivo por que estava convencido de que a bandeira francesa voltaria a drapejar sobre determinados territórios.

— «Refere-se, por acaso, à Renânia?» — perguntou alguém.

— «Certamente!» — respondeu o general.

Em seguida, De Gaulle falou nas modificações que os Estados Unidos desejavam introduzir nas várias colónias francesas depois da guerra. Sorrindo, disse que estava certo de que nem o Presidente, nem o Governo, nem o povo dos Estados Unidos tinham qualquer intenção de anexar território francês, mas que algumas áreas seriam afectadas devido à necessidade de estabelecer garantias internacionais a que todas as regiões do globo ficariam sujeitas.

Quanto à Indochina, a França contava, em consequência das experiências adquiridas na guerra, reorganizar o seu Império colonial. Todos os pontos onde flutuar a bandeira francesa ficariam a fazer parte duma federação, da qual a França metropolitana será a cabeça. Procurar-se-á desenvolver todas as regiões do Império o mais possível, no intuito eventual de lhes conceder governo próprio. Tal será, no futuro, a política colonial francesa, principalmente na Indochina.

Voltando de novo a referir-se à Alemanha, acrescentou: «Fálamos, o presidente e eu, em tudo o que diz respeito à guerra. Será possível que alguém imagine que o caso da nossa incómoda vizinha Alemanha seja arrumado sem a participação da França? A França tem de tomar parte na ocupação da Alemanha — ocupação que deve ser demorada — e nenhuma organização de segurança futura para o post-guerra será possível sem a França no primeiro plano», expressão que neste caso significa «potência de primeira classe».

Após algumas escaramuças políticas, os Estados Unidos parecem estar dispostos a pagar, à França, uma dívida de gratidão.

Num momento de dificuldade histórica, esta emprestou-lhes Lafayette e por isso, agora, os Estados Unidos, em iguais circunstâncias, lhe emprestaram Eisenhower. As consequências devem ser semelhantes — a libertação do país do jugo de invasores considerados indesejáveis...

JOSÉ CORREIA RIBEIRO
(Sobrinho)

INGLATERRA

Há 500 anos, um Montgomery normando abria uma 2.ª frente...

EIS uma circunstância que poucos conheciam: o general Montgomery é de origem normanda. Os seus antepassados saíram um dia de Sainte-Pol — e Montgomery é, mesmo, o nome de um velho condado da França, situado a oeste de Lisieux, nos Calvados.

Os braços de Montgomery começaram em Rogério de Montgomery, gentilhombre normando que acompanhou Guilherme, na conquista da Inglaterra, sendo-lhe confiado o comando de tropas na batalha de Hastings.

Mais tarde, em 1502, a um dos seus descendentes, José IV concedeu o título de conde de England. Um ramo da casa de Montgomery — a casa de Lorges — deu um conde que serviu sob as ordens de Francisco I. Capitão de guarda escocesa, recolheu um dia a Lagny e recoupo o castelo dos condes de Montgomery, na Normandia. E foi assim que, após o desaparecimento de algumas gerações, voltaram a unir-se os dois ramos da família...

permanecendo no País de Gales os senhores do Castelo da Normandia.

Hoje, Montgomery, um grande general vencedor com o 8.º exército, em África, encontra-se de novo à frente de tropas invasoras da Normandia.

A história repete-se — embora por outras linhas se escrevam as suas páginas.





ANTÓNIO SILVA

ANTÓNIO e Silva! Dois nomes tão simples e tão vulgares. Não faltam Antónios, por toda a parte. E Silvas ainda menos — até pelos valados... Mas juntem Silva a António e o que era simples e vulgar transforma-se, como por encanto, numa raridade: António Silva. E ou não é assim? Quem há por aí que não conheça António Silva — se ele é um dos nossos artistas mais populares! Nasceu actor. Mais: nasceu logo a representar. Com uma hora de existência distribuíram-lhe logo um papel na revista: «Em fraldas» e o seu triunfo foi a eterna canção:

Mamã, eu quero,
Mamã eu quero mamar...

Desde esse momento o êxito nunca mais deixou de o acompanhar pela vida fóra. Comédias, operetas, revistas, tudo lhe tem interpretado, com um raro poder de naturalidade e de expressão. O público admira-o; a crítica faz-lhe justiça; e se as mulheres não o abraçam — é porque têm medo de Josefina Silva que não é para graças... Ainda há dias Josefina supondo que certa dama queria levar-lhe o «seu António» exclamou Josefinitissimamente pronta para o que desse e viesse:

— Não o levarás contigo! Essa te juro eu...

À maneira de Mercedes Blasco

Es tu, meu bem? — Estás lá?
Não desdenhes meu valor.
Dize-me as lindas mentiras
Como quando tu suspiras
Pelos meus beijos de amor...

Estás lá? Allô, estás lá?
Espera... É só um instante.
Não sejas tão apressado...
Estás lá, meu adorador?
Ou não estás, grande tratante?

Sim, sou eu... Estás lá?
(Triste sina me fadou!)
Escuta um pobre coração
Por ti sempre em confusão...
... ..
Ora çebol — Desligou...

VOLTA A PORTUGAL



O «Diário de Notícias» lançou, recentemente, a ideia de se realizar este ano mais uma volta a Portugal — em bicicleta. Se há prova desportiva que desperte a curiosidade pública, é, de facto, esta. O ciclismo e o «foot-ball» constituem, sem fácil contestação, os nossos desportos mais populares. Mas o homem põe — e o destino indis põe. E uma manhã destas o «Diário de Notícias» surgia, de lágrima ao canto, não do olho, mas da primeira página, anunciando que, por razões imperiosas, não se podia fazer este ano a «Volta» — nem sequer «meia-volta». Quere dizer: a iniciativa — para nos servirmos da linguagem própria — teve um furo, logo à saída...

UMA JOVEM INSTITUIÇÃO



Uma recente disposição ministerial criou junto do Teatro D. Maria um Conselho de Leitura destinado a pronunciar-se sobre os originais portugueses que lhe forem apresentados e a escolher, dentre eles, os que hão-de ver a luz da ribalta, em cada ano artístico, no nobre teatro do Rossio. Segundo nos informam a primeira peça entrada no Conselho de Leitura é da autoria de Laura Chaves — o que significa que a jovem instituição vai abrir os seus trabalhos — com Chaves... de oirol!

LISBOA AS MOSCAS



No penúltimo domingo, doirado e abrazador, Lisboa ardia, ao grande sol. E o que aconteceu? O que era inevitável. Parte da sua população abandonou-a, trocando a cidade pela frescura da praia e do campo. Combóios, vapores, eléctricos, camionetas, estiveram em plena maré-cheia. Os arredores lisboetas converteram-se em autênticas romarias. Segundo o cálculo dum dos nossos jornais da tarde saíram de Lisboa oitenta mil pessoas — o que equivale a dez por cento da sua população; segundo outro jornal, também da tarde, Lisboa foi abandonada nada mais nada menos do que por quinhentas e sessenta mil pessoas — ou seja setenta por cento dos seus habitantes. Não se pode dizer que estas percentagens se aproximem. Pelo contrário. A disparidade é manifesta. Notámos o facto; não o discutimos. Mesmo porque, em matéria de cálculos estamos com André Brun: os únicos que nos devem preocupar são os de fígado.

DE ALTO A BAIXO



Surgiu, há dias, um alvitre: que o alto do elevador de Santa Justa, admirável miradoiro da cidade, fôsse facultado ao público. Logo surgiram os sub-alvitre: faça-se dali um «bar» ou um «restaurant»; transforme-se aquilo num mercado de flores; ali o que ficava lindamente era um campo de aterrissagem, etc., etc. Não seguimos, salvo seja, quaisquer destas opiniões. O que estava a matar para o alto do elevador de Santa Justa era isto: uma estação de partidas para o suicídio. Quem se quisesse suicidar já sabia: metia-se na bicha, comprava um bilhete de dois tostões, subia ao varandim — e atirava-se sobre o Chiado ou sobre a rua do Ouro... E quem o fizesse, fá-lo-ia tranquilamente. Se não morresse, a Companhia Carris devolvia-lhe os dois tostões!

LIVROS



Dois livros acabam de chegar à nossa estante: um livro de quadras escrito por uma poetisa ilustre, Maria Adelaide — e um livro de reportagens africanas, *Na pista do marfim e da Morte*, firmado por Ferreira da Costa. O primeiro rescende a cravos vermelhos, ilumina-se de balões de Santo António e dá-nos a ideia de que os versos dançam o vira e a caninha verde, ao som dum harmónio; o segundo (dos melhores volumes de prosa que tenho lido nos últimos tempos) constitui a afirmação plena dum grande jornalista que «vive» as suas reportagens e que as escreve com o seu sangue e as suas lágrimas.

UM CÃO POLIGLOTA

NÃO há ninguém que não tenha uma curiosa história a contar do seu cão ou do cão do seu vizinho, pondo em relevo a inteligência ou a dedicação destes animais.

Nós conhecemos o cão que vende cautelas, o cão que salvou uma criança de morrer afogada, o cão equilibrista, o cão que joga as cartas, mas faltava conhecer o cão mais extraordinário do mundo.

Devemos dizer, desde já que é alemão, habitante de Waltberg, e propriedade de um agricultor. Trata-se, como se disse, de um cão fenómeno, pois compreende nada menos que três línguas: alemão, inglês e francês.

Há pouco, o dono realizou, com o cachorro, uma experiência interessan-

te, para a qual foram convidados pessoas entendidas em línguas e em cães.

Primeiramente o agricultor, depois as outras entidades, deram várias ordens ao cão e ele executava-as cabalmente, quer fossem transmitidas em alemão ou em inglês ou em francês. Em seguida, para o experimentar-dam-lhe a mesma ordem em espanhol, mas o cão limitou-se a arrebatar as orelhas e a abanar a cauda, o que equivalia a dizer: «essa língua não entendo patavina».

O cão recebeu muitas palmas, o dono foi felicitado. Como homenagem aos dotes linguísticos do cachorro, colocaram-lhe, à entada do canil, a seguinte legenda: «ou parle français»; «man spricht deutch» e «english spoken».

JÁ TOMOU BANHOS DE "CHAMPANHE"?

BUDAPEST é conhecida pela cidade das termas. Em nenhuma outra parte do mundo se pode tomar banho de tão variadas espécies como nesta grande capital. As águas termas são em tal abundância que, na sua maior parte, correm, sem ser aproveitadas, para o rio Danúbio. Em Budapeste existem colónias termas antiquíssimas, como a de Pannonia, fundada pelos romanos, que, nesse tempo, já aproveitavam as águas minerais para fins terapêuticos.

Mas a grande novidade de Budapeste está nas termas de «champagne».

Qualquer pobre mortal pode, pacatamente, entrar numa dessas piscinas e tomar, regalado, um verdadeiro banho de espumante pelo preço que nós aqui pagamos a água calcárea,

difitérica e ainda a saber e a cheirar a fénico.

As termas de «champagne» estão instaladas no «hall» de um dos principais hotéis de Budapeste. Para dentro de uma piscina corre, constantemente, mercê de dispositivos adequados, ácido carbónico, tal como na preparação de champagne.

O ácido produz milhões e milhões de pequeninas bolhinhas de ar, que aderem ao corpo dos banhistas produzindo-lhe uma sensação de calma e de refrescamento sem igual.

As «termas de champagne», nome porque são conhecidas em Budapeste, são óptimas para a cura do cansaço físico. Quem estiver exausto dos trabalhos do dia, basta, apenas, entrar dentro dessa milagrosa piscina para se lá sair completamente curado e rejuvenescido.

Não é ideal?



COCKTAIL

SABE QUEM FOI LORD BADEN POWELL?...



DEVE-SE a Lord Baden Powell a criação do escotismo, essa doutrina extraordinária do bem e da virtude que, hoje, tem espalhados pelo mundo mais de cinco milhões de adeptos.

Lord Baden Powell, fundador e mentor universal do escotismo, grande apóstolo da perfeita formação do carácter infantil, morreu há pouco mais de quatro anos, quase no anonimato, esquecido até pelos seus compatriotas.

Quis o destino que o chefe do escotismo cerrasse os olhos em terras de África, sob o mesmo céu que o viu combater como um bravo, em 1899, defendendo a pequena cidadela de Majekins no Transval, contra um cerco de boers que durou mais de sete meses, essa mesma África onde surgiram os primeiros escoteiros quando Baden Powell organizou o famoso corpo de auxiliares, com crianças nativas.

Hoje existem associações de escoteiros em 52 países do mundo, sem distinção de raças ou de religiões.

Os mandamentos do escoteiro são as regras de bondade e de civismo.

- 1—O escoteiro tem uma só palavra A sua honra vale mais do que a própria vida.
- 2—O escoteiro é leal.
- 3—O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e praticar diariamente uma boa acção.
- 4—O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.
- 5—O escoteiro é cortês.
- 6—O escoteiro é bom para os animais e as plantas.
- 7—O escoteiro é obediente e disciplinado.
- 8—O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.
- 9—O escoteiro é económico e respeita o bem alheio.
- 10—O escoteiro é limpo de corpo e de alma.

Por estes mandamentos, os cinco milhões de «boy-scouts» em todo o mundo pautam a sua conduta diária. Lord Baden Powell morreu quase esquecido, mas a sua obra ficará, porque ela é grande e nobre.

INVENÇÕES INTERESSANTES

DOIS sábios russos comunicaram recentemente as suas descobertas que atraíram a atenção do mundo científico.

A primeira invenção refere-se a um papel que reproduz o som, exactamente como uma placa de ebonite. O papel tem a forma de uma banda que se move como uma fita de máquina de escrever e desliza diante de um orifício pelo qual penetra a luz de uma lâmpada eléctrica colocada no interior do aparelho. Sob a acção da luz, a banda reproduz o som registado no «foto-elemento».

As vibrações da luz transformam-se, segundo o processo habitual, em corrente que, por sua vez, reproduz o som. O papel «rolante» necessário

para reproduzir os sons durante mais de uma hora, custa cerca de cinquenta escudos e o custo do aparelho anda à roda de mil escudos.

A segunda descoberta baseia-se nas sensacionais experiências que um dos sábios, coadjuvado por colegas, está realizando sobre larvas de insectos e ovos de caranguejos, apanhados nas neves eternas da Sibéria onde jaziam — dizem — há perto de três mil anos. Colocadas em ambiente propício, as larvas e os ovos desenvolvem-se e a vida, suspensa há 30 séculos retoma o seu curso normal.

Um dos sábios, afirma mesmo que se fosse possível encontrar o corpo de Amudsen, desaparecido nas neves polares em 1928, haveria probabilidades de lhe dar vida.

Complementos nacionais

SERENA e silenciosamente, com ordem, método e persistência, o Ministério da Economia, por intermédio da sua Secção Cinematográfica, vem realizando, através de alguns filmes notáveis, uma larga obra de divulgação e cultura, pelo cinema, dentro da sua esfera de acção. Triunfo do labor inteligente de Adolfo Coelho, que a orientar há catorze anos, a tarefa desenvolvida por aquêl departamento do Estado merece que dediquemos ao assunto os breves comentários que o espaço nos consente.

Em 1940, no Congresso Internacional de Roma (Exposição do Cinema Agrícola Educativo), alguma das películas produzidas pelo então Ministério da Agricultura mereceram justas e honrosas distinções. Quere isto dizer que, lá fora, reconhece-se que Portugal sabe realizar estes filmes, de molde a obter d'elles perfeito rendimento e a atingir a respectiva finalidade. Mas o que mais nos interessa destacar é que Adolfo Coelho soube imprimir a essas películas, quasi sempre intensamente didácticas, o interesse espectacular bastante para poderem ser vistas e aplaudidas por plateias que, em regra, nada têm com os problemas focados, e que assim mesmo lhe dedicam uma atenção que só abona em favor do mérito e do sentido cinematográfico do realizador.

Dêste modo, filmes que normalmente se destinariam a espectáculos gratuitos, oferecidos ás populações rurais, são exhibidos em salas de estreia. E o público gosta, a critica elogia — e ainda agora, com «Águas criadoras», a exhibição foi coroada, na sua estreia, com uma onda de aplausos.

O cinema pedagógico, cultural e didáctico é, em Portugal, praticamente, letra morta. De vez em quando, agita-se o problema, renasce uma esperança — e tudo volta à mesma desoladora e triste realidade. No meio de tão árido panorama, o labor da Secção Cinematográfica do Ministério da Economia, impõe-se como um incentivo e um exemplo — um exemplo do cinema ao serviço da cultura popular, bem compreendido e bem executado.

Verifica-se, por outro lado, que o público se interessa prodigiosamente pelos «complementos» portugueses. Estamos convencidos de que serão poucos os países que não incluem obrigatoriamente, nos seus programas, complementos nacionais. Esquecida a medida proteccionista dos «100 metros» — aos quais se deve, em grande parte, a criação, no nosso país, de laboratórios e do adextramento dos operadores de imagem — nada há, na nossa legislação, que estimule e proteja economicamente a produção de pequenos filmes — escola de técnicos e de artistas em toda a parte do mundo, e cuja falta se faz sentir tão trágicamente no panorama da nossa indústria!

E tendo em vista o que deixamos dito, pergunta-se: Porque motivo não se estudam medidas de fomento e protecção económica para os «complementos» portugueses? Porque não alarga o próprio Estado, a outras actividades, a notabilíssima iniciativa do Ministério da Economia? Cremos que a obra realizada em doze anos, pela respectiva Secção Cinematográfica, e o acolhimento que as nossas plateias têm dado aos filmes exhibidos, constituem o penhor e o incentivo para qualquer acção no sentido destas aspirações.

No tempo do mudo, havia a obrigatoriedade de exhibir 100 metros por programa. Agora os cem metros nacionais estão reduzidos aos filmes de publicidade, que correm nos intervalos, já com luzes acesas...

E porque nas parece que vale a pena meditar sobre estas verdades, aqui as deixamos consignadas, pelo menos à esclarecida atenção do leitor.

FERNANDO FRAGOSO

O SEGRÊDO DAS GIRLS

Este é o segredo do espantoso conjunto das «girls» americanas. Para o seu novo filme «Ziegfeld», que continua, desta vez em technicolor, o seu êxito de outros tempos, a Metro teve que seleccionar uma série de belezas, de idénticas proporções. Como conseguiu o «desideratum»? Muito simplesmente: marcando numa parede as medidas exactas destas Vénus dos nossos dias. E, depois, foi só fazê-las desfilar e escolhê-las, como quem escolhe um par de sapatos — por número.



A nós nós nos espanta a sem-cerimónia com que os americanos medem, a metro, a beleza feminina. Admiramos, sim, que os exercícios de mulheres bonitas sejam tão numerosos que permitam caprichos como estes, que escaparam aos donos e senhores dos mais poderosos e bem fornecidos haveres do misterioso Oriente...

COMO ELES SAO AO MICROFONE

Os galãs nem sempre ficam bonitos!... Fora do cinema, pelo menos, assim, acontecc... Aqui têm Clark Gable tendo ao microfone o relato de um dos seus «raids» sobre a Europa. Não se pode dizer, em boa verdade, que as admiradoras fiquem entusiasmadas com esta imagem, onde o artista parece ter ficado um pouco surpreendido com o clarão da lâmpada do fotógrafo...



«Doze luas de mel» classificou-se entre os melhores filmes espanhóis

O Sindicato Nacional do Espectáculo, em Espanha, acaba de atribuir os prémios aos melhores filmes do ano. Os resultados foram os seguintes:

1.º prémio: «El Escandalo», de Saenz Heredia, e «El Clavo», de Rafael Gil, «ex-aequo». Cada uma destas películas teve o prémio de 400 mil pesetas.

2.º prémio: «Doze luas de mel», de Ladislav Vajda. 3.º prémio: «Eloisa está debaixo de um Almendro», de Rafael Gil. 4.º prémio: «Orosia», de Florian Rey. 5.º prémio: «El Abanderado», de Eusebio Fernandez Ardevin. Estas quatro películas receberam cada uma 250 mil pesetas.

6.º prémio: «Una Herencia en Paris», de Miguel Pereyra. 7.º prémio: «Lola Montes», de Tony Roman. 8.º prémio: «Dora la Espia», de Matarazzo, todas com 100 mil pesetas cada.

«Doze luas de mel», que teve como protagonistas António Casal e Milú, recebeu, assim, uma justa consagração. E é curioso verificar que a Espanha atribue um segundo prémio a uma película dirigida por um cineasta húngaro e com larga intervenção de elementos estrangeiros.

Um filme brasileiro

A despeito de todas as boas vontades e do esforço dedicado de alguns cineastas do país irmão, o cinema brasileiro ainda não conquistou a posição a que tem jus, quer pelas tradições culturais da nação, quer ainda pelas extraordinárias possibilidades do mercado nacional.

Os jornais do Rio de Janeiro, ultimamente chegados a Lisboa, anunciam a próxima estreia de «O brasileiro João de Sousa», filme que parece reunir invulgares condições de interesse.

«Aqui está, finalmente — escreve um diário do Rio — o filme nacional mais ansiosamente esperado dos últimos tempos. «O brasileiro João de Sousa» representa alguma coisa de excepcional na produção do nosso país, e é justo frisar, a propósito, as proporções atingidas pela seqüência que reviviu um grande sinistro marítimo. Romântico, heróico e artístico, «O brasileiro João de Sousa» constituirá um acontecimento de vulto. Sandro Roberto interpretará a figura de João de Sousa ao lado de Zézé Pimentel — lindos e sonhadores olhos negros — e Lu Marival, de Bob Chust, que produziu e dirigiu o filme, e de 300 «extras» em cenas espectaculares.

Registando o acontecimento cinematográfico do país irmão, fazemos votos por que marque um progresso da indústria — e, se assim for, que Portugal o possa aplaudir, com a mesma ternura com que as plateias de além-Atlântico têm acarinhado os nossos filmes.

Sabe alguma coisa de cinema?

Aqui têm mais um «test» para pôr à prova os vossos conhecimentos cinematográficos:

1. Qual destes artistas interpretou «O Filho de Sheick», numa criação célebre...

...Ramon Novarro
...Rudolfo Valentino
...John Gilbert.

2. «D. Quixote», de G. W. Pabst, foi interpretado no cinema pelo célebre cantor...

...Fedor Chaliapine
...Tito Schipa
...Dino Borgioli.

3. Francesca Bertini celebrou-se como...

...artista dramática
...vedeta de comédias
...intérprete de farsas.

4. Em que filme de Jacques Feydor viamos a Câmara dos Deputados, de Paris, ser invadida pelas bailarinas da Ópera...

...«A Quermesse Heróica»
...«Os novos senhores»
...«O beljo».

5. Qual destes artistas, pela mobilidade do seu jógo fisionómico, foi apodado de «o homem das mil caras»...

...Charles Laughton.
...Emil Jannings.
...Lon Chaney.

6. Quem foi o realizador da «Grande Parada»...

...King Vidor
...Clarence Brown
...Frank Capra.

7. Qual destes artistas interpretou «Scarface», o primeiro grande filme de «gangsters»...

...James Cagney
...Paul Muni
...Chester Morris.

8. O filme português «A Castela das Berlengas» foi realizado por...

...Leitão de Barros
...Cotinielli Telmo
...António Leitão.

9. Jean Murat encarnou a figura de um estudante de Coimbra no filme...

...«Capas negras»
...«Os olhos da alma»
...«A fonte dos Amores».

10. Qual destas artistas se celebrou com o título de «A Noiva do Mundo»?

...Clara Bow
...Mary Pickford
...Laura La Plante.

Mais do que otto respostas certas; muito bom; mais do que seis: bom. De três a cinco: suficiente. Menos de três — é melhor não tentar para a próxima vez...

(Ver as respostas na página 23)

VEJA SE DESCOBRE...

(Solução do número anterior)

A foto de cima representa Bárbara Hayes, condenada por ter envenenado seu marido, o mecânico Hayes. No tribunal, Bárbara confessou-se arrependida e disse que actuára sob uma grande excitação nervosa, quando soubera que o marido queria fugir com outra mulher.

A segunda fotografia é de Ann Georgia, a mulher que matou duas crianças para se apoderar das suas correntes de ouro.

Comparando as duas, nota-se, de facto, que há maior dureza, maior ambição, mais crueldade no rosto de Ann Georgia. E na verdade é necessário inalar dose de crueldade para matar duas inocentes crianças, só com o fito de as roubar, do que envenenar um marido infiel. Estão de acórdos?

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8

A principal acusação do oficial da polícia contra Al Archer era o facto da seu barrête (iniciais A. A.) ter sido encontrado perto do local do crime. Ora Molly Wiltred fora assassinada entre as nove e as dez horas da noite DE 10 DE MAIO (legenda da foto 2). Mas, segundo a declaração do próprio oficial, o barrête só se encontrara no dia 23 DE MAIO (foto 1), isto é, duas semanas mais tarde.

Olhando para o barrête, o inspector Cobb viu imediatamente que ele fora colocado de propósito no local em que o tinham encontrado. E porquê? Porque os números, os botões e as iniciais do barrête, estavam bem limpos, mesmo impecavelmente limpos (legenda e foto 1). Se acaso o barrête tivesse ficado ali, desde a noite do crime, tanto os botões, como os números, como as iniciais do barrête, estariam quasi negros, POIS QUE O LATÃO, AO AR LIVRE, OXIDA-SE BEM DEPRESSA...

Portanto, tornava-se lógico que alguém fora colocar o barrête em «Perry Woods» muito tempo depois do crime. Quem poderia ter sido?

Al Archer, certamente que não. Nem se ia denunciar a si próprio, se fosse o criminoso, nem o poderia fazer, porque estava preso desde o DIA 12 DE MAIO (foto 4).

Conseqüentemente as suspeitas recaem de vez sobre Ben Everet, o outro soldado que cortejava Molly. Acusado pelo inspector, acabou por confessar: despeitado por Molly dar mais atenção a Archer, atraíra-a a uma cidade e matára-a. Passado tempo, lembrou-se de fazer incidir a suspeita sobre o seu companheiro. Como ele estava preso, teve facilitade em roubar-lhe um barrête e foi-o colocar perto do local do crime. Mas não contou com a apurada perspicácia do inspector Cobb...

CORRESPONDÊNCIA

Em primeiro lugar quero pedir desculpa a MIMI SHERLOCK HOLMES, (Lisboa); AURORA CORREIA SANTOS, (Paredes); RAPSAG, (Setúbal) e HENRIQUE FERNANDES, (Viana-do-Castelo) pela omissão dos seus nomes no Quadro de Mérito relativo dos solucionistas do problema n.º 8. Creiam, porém, que as respectivas posições entre os concorrentes já estão devidamente rectificadas.

JOAO ALBERTO GOUVEIA, (Lisboa) — Não posso deixar de o felicitar por ter solucionado bem «todas» os problemas apresentados até hoje. Vamos a ver por quanto tempo conseguirá continuar com... a «Camisola amarela» dos solucionistas.

JOSÉ MACHADO MARANHAS, (Pórtos) — Fiz a alteração do seu nome para o pseudónimo «Detective de Calças». Mas, afinal, o senhor é do Pórtos, ou de Braga?

A. F. DA COSTA E CASTRO, (Pórtos) — Não se deve desistir ao primeiro fracasso... O pormenor que me aponta do problema citado não é fundamental. Nada tenho a desculpar. Gosto sempre de ler as razões dos leitores... quando têm razão.

REPORTER MISTÉRIO

Os modernos suplicios

A pêndula justiceira

A polícia não pára na ânsia de descobrir novos processos que auxiliem as investigações criminais. Em Chicago fez-se experiência dum novo e curiosíssimo meio de obrigar os assassinos a confessar os seus crimes.

Para isso, encerra-se a criminoso numa cela, muito bem fechada, longe de todo o ruído exterior, e na qual só se escuta o «tic-tac» monótono e enervante dum enorme relógio de pêndulo que está fixado no teto.

De hora a hora, o relógio, à maneira de despertador, deixa ouvir uma música pavorosamente excitante e quasi ensurdecadora.

No decurso das experiências, chegou-se à conclusão que o «tic-tac» da pêndula e a música exercem tal influência sobre o sistema nervoso, que os criminosos, para fugir a essa obsessão e conseguir uma troca de local, acabam por confessar os seus delitos.

Assim, o primeiro caso, a sério, foi coroado de êxito. O criminoso confessou após 36 horas de suplicio como e porque cometera o seu crime...

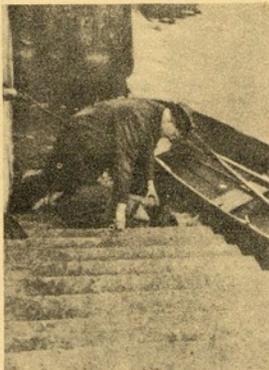
...dade em roubar-lhe um barrête e foi-o colocar perto do local do crime. Mas não contou com a apurada perspicácia do inspector Cobb...

PROBLEMA N.º 9

O caso das escadas de Richmond

Continuamos na mesma... Em cada semana que passa, é maior o número de concorrentes a estes problemas. Mas, na sua maioria, as aduções pecam por falta de provas, sobretudo, das provas principais. Algumas cartas chegam a trazer pormenores minuciosos em demasia, mas não trazem a base fundamental para ser feita uma acusação lógica e acertada... E assim não está certo! Por isso eu felicito mais uma vez aqueles solucionistas que escrevem pouco, mas dizem muito. Esses são os que demonstram melhores qualidades.

Para este problema de hoje, as respostas devem ser enviadas até ao dia 3 de Agosto.



1 Melancolicamente, o inspector King olhou aquêl cadáver de mulher, estendido a seus pés, nas escorregadias escadas de Richmond.

A maré estava baixa e as galvotas voejavam rentes às águas do rio. O espectáculo era bonito, mas King não podia deixar de olhar o cadáver.

Curvouse um pouco. Uma bola no temporal direito e uma pistola segura na mão do mesmo lado indicavam claramente um suicídio. O inspector encolheu os ombros. Que pena uma mulher tão bonita ter-se suicidado...



2 Daí a pouco o cadáver era identificado. Tratava-se da atraente Marcelle Wesley, casada com o industrial Elmer Wesley. Além disso, King soube que a morte ocorrera seis horas antes de ele ter encontrado o cadáver.

Quando foi a casa de Elmer Wesley, o industrial parecia desesperado. E comodamente confessou: «Fui eu o culpado da sua morte, creia! Ela gostava de sair com várias amigas mas eu não podia tolerar tal facto. Assim acabámos por nos separar. Mas ontem à noite, Marcelle veio-me visitar e pediu-me sinceramente que nos reconciliassemos».



3 Com a voz embargada de comoção, Wesley relatou a cena da noite anterior: «Ela abraçou-se a mim, chorando, e quando eu recusei a reconciliação, jurou-me que se mataria. Não acreditei. Fui um doido, em não ter acreditado. Só hoje vim a encontrar um bilhete que ela me deixou. Leia, por favor». E estendeu um bilhete ao inspector. Este leu: «Encontrarás o meu cadáver nas escadas de Richmonds».

King comparou a letra do bilhete com a de algumas cartas de Marcelle. Parecia igual.



4 Então, o inspector retirou-se e, enquanto pensava, foi passeando até às escadas de Richmond. Encontrou casualmente um seu amigo que lhe rememora um pouco. Conversaram, mas King teve de ficar no alto das escadas, porque a maré estava completamente cheia. O amigo disse-lhe que durante a noite anterior o rio esteve picado e coberto por denso nevoeiro. Depois falaram na morte de Marcelle Wesley. «Queres ouvir a minha opinião?» — perguntou o inspector King. E começou a falar...

QUAL FOI A OPINIÃO DO INSPECTOR? PORQUÊ?

(Leia a solução no próximo número).

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 7

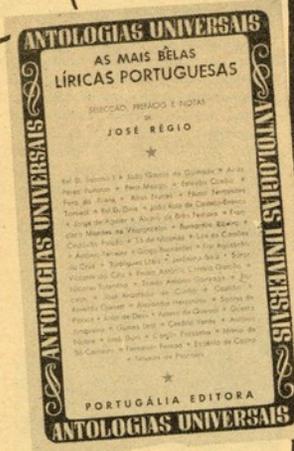
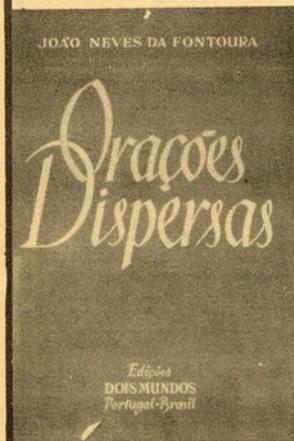
(Por ordem alfabética)

- (3) A Curiosa Lili Mala, (Figueira da Foz).
- (3) A. F. da Costa e Castro, (Pórtos).
- (3) Alberto de Oliveira, (Lisboa).
- (1) Alexandre Casebre, (Matosinhos).
- (1) Alto Rui (Lisboa).
- (1) António A. dos Santos, (Lisboa).
- (1) António A. Simões, (Estarreja).
- (1) Artur S. Monteiro, (Pórtos).
- (4) Artur Varatojo, (Lisboa).
- (3) Arturo Silvar, (Lisboa).
- (1) Carlos M. Paulo, (Lisboa).
- (4) Carlos Plácido de Sousa, (Lisboa).
- (1) Cavaleiro Desconhecido, (Lisboa).
- (3) Charl-e-Chan (Coimbra).
- (3) Detective de Calças, (Pórtos).
- (2) Detective de Sizer (Erago).
- (1) Detective Improvisado, (Lisboa).
- (1) Detective Ni-Ko, (Lisboa).
- (1) Detective Wild-Ojas, (Lisboa).
- (1) D. L. Pires, (Amadora).
- (1) Duarte Leite Pimentel, (Lisboa).
- (1) Ele e eu, (Lisboa).
- (2) Elvira de Castro, (Ermezinde).
- (5) Fernando Edgar Trigo, (Ermezinde).
- (1) Francisquinho, (Portalegre).
- (1) Henrique Fernandes, (Estremoz).

- (3) Henrique Passos Fernandes, (Viana do Castelo).
- (6) Israel Ferreira, (Lisboa).
- (7) João Alberto Gouveia, (Lisboa).
- (1) Joaquim C. Dias, (Ovar).
- (2) José Frade Grangeio, (Lisboa).
- (6) Leiria Dias, (Lisboa).
- (2) Manuel do Carmo Peres, (Lisboa).
- (3) Maria Julieta Patrício, (Covilhã).
- (2) Mimi Sherlock Holmes, (Lisboa).
- (2) Mr. Moto II, (Lisboa).
- (3) M. S. A., (Coimbra).
- (1) Náná Júnior, (Lisboa).
- (6) Natércia Leite, (Lisboa).
- (4) Setúbal, (Pórtos).
- (1) Olho de Polícia, (Leiria).
- (2) «Philo Vances», (Setúbal).
- (6) Rapsag, (Setúbal).
- (1) Reportér G. (Bombarral).
- (3) Sapex, (Maceira-Liz).
- (3) Sharco, (Alcobaca).
- (1) Setúbal, (Pórtos).
- (4) Simara, (Lisboa).
- (2) S. T. Marranhokos, (Lisboa).
- (3) Teimoso n.º 1, (Loulé).
- (1) X-1, (Lisboa).
- (6) Zirteba, (Lisboa).

Os algarismos entre parêntesis que antecedem os nomes, indicam o número de vezes que eles têm figurado neste «Quadro de Méritos», ou seja o número de problemas que solucionaram bem.

OS LIVROS DO MOMENTO



Editorial Aviz
Rua da Trindade, 20, 2.º
LISBOA



Os livros que deve ler

Vai para férias?

Não se esqueça de levar um bom livro de contos, uma das nossas antologias.



- CONTOS INGLESES
- CONTOS HÚNGAROS
- CONTOS CHINESES
- CONTOS BÚLGAROS
- CONTOS ESLAVOS
- CONTOS ROMENOS
- CONTOS ITALIANOS

Editorial Gleba, L.ª
Rua da Madalena, 211, 3.º
Telef. 28933 LISBOA

AJA DENTAL CREAM

A Pasta dentífrica AJA recomenda-se pela sua esmerada preparação e pelas suas propriedades antisépticas.

A BOLSÃO DO LIVRO
Praça de D. João da Câmara, 4-4.º
LISBOA TEL. 28470
compra, vende troca,
empresta e leilão
livros em todo o país.
Informações bio-bibliográficas, etc.
Única organização no seu género

Há muitos produtos de beleza para o rosto...



...mas só há um produto de beleza para as roupas:

CASULO Limpa-Fatos

Com efeito, esta fórmula inimitável de 6 substâncias químicas inofensivas, suprime por completo LUSTRO, NÓDOAS, MAU CHEIRO e TORNA OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURÁVEIS.

É, pois, indispensável na «toilette» das roupas
Só custa 2\$50

Em todas as drogeries
Revenda:
SCHROETER & ALMEIDA
Rua da Madalena, 128, 2.º — LISBOA



NOTAS
RÁPIDAS

Duas evocações

(A propósito da última obra de Joaquim Manso, «Os amores de Pedro e de Inês»).

O da mãe, como o sofrerá, mais tarde, o adulto que vê, em cada sentimento da ausência é inato no homem. Da ausência, ou da saúde. Logo o tem e traz consigo a criança afastada do regaço hora morta pela crueldade do tempo, a imagem duma alegria ou duma angústia, duma esperança ou duma tristeza que lhe fêz palpitar e vibrar o coração. E há também a saudade de tudo quanto pessoalmente não vivemos, mas é herança, viva sempre em nossas almas. Nas gerações extintas, que nos legam assim o melhor da sua acção, do seu pensamento, das suas aspirações, das suas tendências e até da sua consciente e voluntária energia...

Nas comoventes palavras que antecedem a sua última obra, «Os Amores de Pedro e de Inês», chama Joaquim Manso à preciosa herança, ao legado imortal dos séculos idos, «o horizonte de todas as idades». Expressão de singular, de eloquente e exacta justeza. Dum amplo, dum claro, dum abrigante horizonte se trata, na verdade, dum horizonte em que brilham «relâmpagos, revelações e profecias». E, quer na lúcida e subtil análise dos «Amores de Pedro e de Inês», quer na «Oração à Raça», que no pequeno e encantador volume acompanha a evocação dos amantes eternos, Joaquim Manso descobre e aponta os momentos, os ritmos e os clarões em que a presença da «inviolável beleza», que livra da «fatal corrupção», ilumina hoje e iluminará sempre a nossa constante e ansiosa pesquisa de perfeição e de grandeza inacessíveis. O autor da «Primavera da Lenda» adivinha, se não sabe, em que paisagens doutroa não se apagam as madrugadas sem fim, e em que rostos e atitudes, em que figuras e gestos, em que preces e cânticos permanecem, para lição da humanidade futura, certezas redentoras ou ilusões guiadoras. A paixão de Pedro e de Inês e o mosteiro da Batalha são os motivos, os pretextos superiores em que desta vez alicerça as criações do seu espírito. E de ambos os temas, aliás admiravelmente escolhidos, Joaquim Manso extrai profundas e ardentes labaredas que vêm rasgar perspectivas novas, ali, no rumo da paixão «que se faz delírio e o desejo pélagos de mágoa e dor»; aqui, no caminho de mais pura, acendrada e fogosa devoção pela Pátria. Fiel à saudade do heroísmo dos portugueses de Aljubarrota ou do «intemerato amor» de Pedro e de Inês, que para «ao alto do juízo, da prudência e da experiência contra as quais hasteiam sua bandeira de rebeldes», Joaquim Manso compôs dois maravilhosos poemas da ausência, da ausência através de cujos prestigios e sortilégios irradia o «eterno», e o «efemero» não deixa mais de que a lembrança duma límpida inspiração. Poemas da ausência, ou, se preferem, da saúde, da saúde ressuscitadora — e, por isso mesmo, estímulo e não elegia — dos exemplos mais nobres e das mais formosas e cristalinas realidades do passado.

JOÃO DE BARROS



DEBORAH THALMA

será a protagonista do próximo filme de Artur Duarte?...

— Houve um período negativo ou, se quiser, de aclimação. Criei conhecimentos, relações novas, e só passado um tempo tornei a aparecer em reuniões para declamar e cantar. De cada vez que actuava voltava-me essa paixão violenta pela arte... Queria ir mais além...

— ...sentia-se com asas para voar... estive à vista... A minha fotografia, que eu enviara para uma revista feminina, deu origem a que recebesse um convite para um filme do realizador Silvestre Silva... Prestei as respectivas provas, fui aprovada e chegaram a marcar-se as primeiras voltas da manivela. Mas, dificuldades da última hora, insuperáveis, impediram que o filme se fizesse...

— Group-se, assim, a tão sonhada oportunidade... Os olhos de Deborah Thalma, duma vivacidade bem agoreana, expressos e talvez irreverentes, bailam, diabólicamente, por segundos... E cicla, quem sabe se com medo do próprio falar: — Creio que não... Acabo de receber um convite de Artur Duarte para aparecer nos estúdios... Vamos vê-la, então, no próximo filme do Artur?...

Um protesto que é, simultaneamente, mais uma bela expressão da Deborah: — Oh! Não, meu caro. Não levemos o exágero tão longe. Irei, quando muito, prestar provas mais uma vez. E, como sempre, irei também, calma e confiada... — Você aprecia, igualmente, o teatro, o cinema e a rádio? — Duma maneira geral, sim. Para

NASCEU para ser artista. Tudo nela, de resto, indicava que assim fosse. A principiar pelo nome: Deborah Euterpe Thalma Saraiva de Bandeira!

Excluindo o Judaico «Deborah», o «Euterpe» revela a sua afinidade com a musicalidade, e o «Thalma» pode pressupor, igualmente, que o grande actor francês disfrutava de accentuada simpatia entre os padrinhos de Deborah... — o nome é quasi um cartaz... — portuguesaíssima de lei.

Nasceu nos Açores, em Ponta Delgada, em 1920. Veio para o continente há dez anos. Concluiu os seus estudos, fez-se mulher, e... nunca abandonou a esperança de um dia poder entrar numa constelação artística — principalmente numa constelação de artistas de cinema.

Os princípios da sua história pequenina é ela própria quem no-los explica: — Desde pequena que os meus entretenimentos consistiam em dizer poesias, representar e cantar. Uma paixão que me dominava. Em Ponta Delgada participei em variados recitais, ganhando gradualmente um à-vontade de que eu própria me admirava. Depois...

— ...veio para Lisboa e aqui continuou...

(Continua na pág. 16)



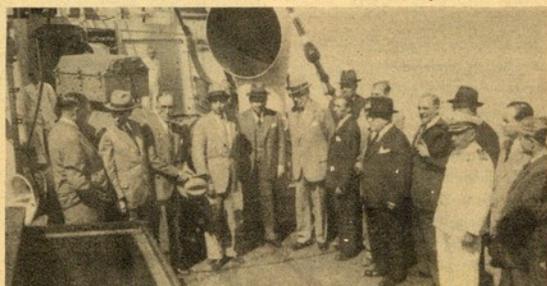
A intimidade da cerimónia não roubou nem brilho nem uma alta expressão de sentimento e de espírito ao acto da entrega das insígnias da Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul, com que o Governo brasileiro recentemente distinguiu o ilustre escritor e poeta, sr. dr. João de Barros. Na cerimónia — damos na foto o momento em que o sr. dr. Neves da Fontoura abraçava o sr. dr. João de Barros, nosso amigo e nosso brilhante colaborador — o sr. embalizador falou do alto sentido de brasilidade e de amor pelo Brasil que transcende da obra literária do dr. João de Barros que, por sua vez, agradeceu ao Governo brasileiro a honra da distinção que lhe foi conferida.



O bom entendimento luso-belga mais uma vez criou forma quando, há dias, a Bélgica celebrou a sua Festa Nacional. Além das cerimónias dedicadas aos muitos belgas residentes em Portugal, o sr. ministro André Motte quis significar à imprensa portuguesa o reconhecimento pela simpatia que sempre o seu país lhe inspirou. Para isso, reuniu, num almôço, representantes de jornais e revistas, o director da Secretariado Nacional de Cultura Popular e dos Serviços de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Para agradecer o brinde a Portugal, erguido pelo sr. ministro Motte, falou o sr. dr. Joaquim Manso, director do «Diário de Lisboa», que elogiou a atitude moral e política da Bélgica.



Para celebrar o dia da vitória nacionalista, o sr. embalizador Nicolau Franco assistiu, com sua esposa, a uma cerimónia religiosa na igreja do Loreto. Na Casa de Espanha, houve, à noite, um sarau que decorreu num ambiente de expressão significativamente patriótica.



O «Nacalus», que partiu já para os Estados Unidos, a cumprir a sua missão de transportar passageiros e carga, foi, há dias, visitado pelo sr. ministro da Economia, sub-secretário de Estado das Colónias e outras altas individualidades, que foram recebidas pelo sr. Conde de Monte Real e outros membros directivos da Companhia Nacional de Navegação, proprietária do novo barco português.



Dirige uma orquestra que parece a Sociedade das Nações

ALFREDO Antonini, o director da grande orquestra Pan-Americana, define assim o seu conjunto:

«A nossa orquestra é uma miscelânea de várias nacionalidades. Neste momento, fazem parte dela, polacos, russos, italianos, iugoslavos, franceses, checoslovacos, porto-riquenos, cubanos e guatemalanos. E de vez em quando aparecem ainda elementos de várias outras nacionalidades...»

De facto, quasi se poderia chamar a este conjunto... uma Sociedade das Nações Musical.

Antonini é dos maestros mais estimados e aplaudidos em Nova York. E essa simpatia val a tal ponto, que no dia de Colombo, Antonini foi convidado para reger um Concerto especial da Sociedade Sinfónica e Filarmónica de Nova York.

Desde novo, o seu talento o consagrou, aliás. Licenciado pelo Real Conservatório de Música, de Milão, onde se especializou em órgão e composição, foi contratado por Toscanini para organista e pianista do Scala. Tinha, então, apenas 17 anos...

Na América, tem-se dedicado à música folclórica, estudos que vêm já de longe. Pois como ele próprio afirma «é pela música folclórica que se pode vislumbrar a alma dum povo e a sua maneira de viver».

E ele esclarece, na sua criteriosa opinião: Julgo que as canções folclóricas de outros países se combinam muito bem com a contribuição particular da América para mundo da música, pois os Estados Unidos criaram um estilo de harmonização que afectou a música do mundo inteiro. É um processo de orquestração — chamem-lhe dissonância ou seja o que fór — que influencia até mestres estrangeiros. E eu também me influenciei. Estamos a criar uma nova escola na música!

Eis, em breves palavras, como nasceu esse interesse de Alfredo Antonini pela música latino-americana. Já seu pai, Ignazio Antonini, deixara a sua casa em Roma para se juntar à orquestra do Teatro Colón, o universalmente célebre teatro de ópera de Buenos Aires. Al é enamorado-se duma formosa jóvem argentina, com quem casou e regressou a Itália.

Antonini é ainda autor de grande número de músicas latino-americanas, de grande successo mundial, sobressaindo entre elas «La Vida» e «Adiós Amor» que se ouviram no filme «O pecado de Madelon Claudette», com Helen Hayes.

Ele representa indiscutivelmente uma das mais fortes personalidades mundiais em música folclórica.

BASTA A MÚSICA PARA O INSPIRAR

PODE-SE na verdade dizer, parafraseando o título de «Vagabunda sentada» que Colette deu à sua extraordinária Claudina—que Spadolini, o famoso criador de danças, é um «dançarino sentado».

Quando quer preparar os seus recitais senta-se comodamente e ou liga a telefonía ou põe a grafonola a tocar.

Basta a música — boa música, é certo, para Spadolini se inspirar e crear alguns maravilhosos baillados.

Ei-lo escutando a «Fuga em ré menor», de Bach. Entretanto, no seu espírito desenha-se já a sua futura interpretação coreográfica.

É curioso recordar-se o que succedeu com Spadolini o célebre «Bolero» de Ravel. Uma dançarina conseguiu que o grande compositor lhe desse a autorização de interpretar o «Bolero», em rigoroso exclusivo.

Spadolini soube disso e ficou abor-



recido. Há muito ambicionava pôr em cena um baillado inspirado nessa obra.

Mas não desistiu. Um dia visitou Maurice Ravel e dançou diante d'ele, apenas diante d'ele, o seu «Bolero». O mestre ficou de tal forma impressionado, que permitiu, a Spadolini interpretar também a sua obra, sempre que o quisesse.

Como prova de gratidão, desde aí Spadolini tem inscrito o «Bolero» no programa de todos os seus recitais.

Á ESCUTA

Tony Marques estreou-se na Emissora Nacional. Boa estreia. Mas sobretudo o que há a louvar neste rapaz é a sua extraordinária vontade de acertar, o seu devotado amor à arte. Sabemos que ele tem suportado com dignidade os maiores obstáculos. Muito bem. Assim mesmo, é que o triunfo sabe melhor. E é mais merecido!

Sim, bastante curiosa a maneira como o Quarteto Vocal feminino da Emissora tem interpretado o «famoso Sebastião come tudo... Até parece tu, tro, aquele Sebastião, cantado com leveza, graça e alegria.

E com originalidade, também.

Ouvimos há noites o recital dum festival de arte. Pois muito bem, enquanto decorria um baillado, o locutor, em vez de nos descrever graciosamente esse baillado, lia-nos fragmentos dos jornais referentes a um festival anterior.

Sinceramente, achámos mal.

REPÓRTER DOIS

Triunfo d'uma pianista portuguesa em Espanha!



NOTÍCIAS chegadas do país vizinho falam-nos nos recentes e grandes e merecidos triunfos da nossa compatriota e ilustre pianista Florinda Santos de Lucena, nos três recitais de piano que deu na «Casa do Médico».

Florinda Santos de Lucena, segundo a opinião justa de grandes críticos espanhóis, revelou-se, «erudita no conhecimento da trilogia Bach — Beethoven — Chopin». Pouco antes ella alcançara também grande êxito exibindo os seus dotes extraordinários de pianista na Associação de Cultura Musical.

Podemos afirmar, afoitamente, que as mãos mágicas de Florinda Santos de Lucena, conquistaram a crítica e o público de Espanha.

Parabéns sinceros à grande artista!

A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA» 1944.

FIXINA
O fixador de cabelo das pessoas distintas

Boião maior, 15\$00
Boião menor, 10\$00

Vende-se nas boas drograrias, barbearias e outros estabelecimentos, Laboratórios Rudi — Rua S.º de Afonso, 29, Porto — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt. — Telef. 4 3582.

CONHECE AS VOZES D'ESTES HOMENS?

Aquí estão cinco famosos locutores da B. B. C. As suas vozes são indistintamente conhecidas em muitas terras do mundo, em quasi todas as terras do mundo. Talvez não liguem os nomes aos rostos, mas aquí os indicamos para que os leitores fiquem a conhecer os donos das suas vozes favoritas. El-os:



G. Delgado, o locutor de voz cantante que dá as notícias aos países da América do Sul.



O coronel H. R. Stevens, que é escutado fervorosamente por milhares de italianos.



Todo o mundo árabe já conhece a voz de Almad Kamal Sourour, nos seus comentários graciosos.



Um dos mais novos e dos mais queridos locutores da B. B. C., nos países da América do Norte: Pat Butler.



Shakh Mohammad Mahmud Gum'a, o egípcio eminente a quem se deve o «Comentário Semanal de Londres».

As novas bases de exploração do Nacional



Marianinha Rey-Colaço e o sonho dos autores

QUEM a viu e ouviu em Espanha veio para Portugal cantar o seu elogio. Depois, no Círculo Eça de Queiroz, voltou a fazer-se o milagre: Marianinha, a da voz doce de anjo, tão subtil como emotiva, encantou quantos viram e ouviram a sua arte de dizer versos.

Marianinha Rey-Colaço, a autora de duas peças tão infantis como a sua alma de menina-artista, filha, neta e sobrinha de artistas de primeira grandeza — é, também, uma actriz que ainda não se revelou. Para tanto, tem voz, espírito, beleza, graça, arte, juventude — e vontade de ser actriz.

Ultimamente, tem circulado nos meios literários e teatrais a informação — destas informações que nascem de um impulso ou de um desejo colectivo e espontâneo — de que Marianinha vai surgir actriz no palco do Nacional.

Como? Quando? Em que peça?

Eis o que ninguém pode desde já dizer: eu sou o feliz autor da peça em que se estreará Marianinha Rey-Colaço!

Entretanto, quantos sonharão desde já com este lindo sonho — tão lindo como a mais linda das realidades...

As alunas de teatro fizeram exame . . .

EVIDENTEMENTE, o esforço foi de todos os professores do Conservatório que, durante três anos, comunicaram às suas alunas o seu saber, alguma coisa da sua arte — e nem tudo que é arte pode ser comunicado ou ensinado! Mas foi mestre Alves da Cunha quem fez o milagre daquele espectáculo que se realizou no Nacional, para prestação de provas práticas. Maria Adelaide Robert, que vemos na foto abraçada por Alves da Cunha, e que fez muito bem a «Inês Pereira», de Gil Vicente; Maria José, que é já uma actrizzinha e que fez a «Pipola», como Luísa Neto, que fez dois quadros de «Romeu e Julieta» — foram, decerto, três confirmações e três promessas de que o teatro



pode contar com três das suas mais jovens artistas: Alves da Cunha, que com o director da Secção de Teatro, o dr. Jorge de Faria, Samuel Diniz e Maria Matos — os dois artistas e professores que prestaram o seu concurso, contracenando — devem sentir-se satisfeitos do êxito alcançado pelas suas alunas — o mesmo não podendo dizer-se das alunas de baile, que não devem ter convencido os mestres da espontaneidade da sua arte...

AMÉLIA Rey Colaço e Robles Monteiro voltaram à posse do teatro Nacional. Quere dizer diante de nós, temos a certeza de mais cinco anos de bom teatro, de um agrupamento homogêneo e de primeira categoria. Lá estão, além de Amélia Rey Colaço, Alves da Cunha e Palmira Bastos — já agora, que Lucília trocou doze meses de representação no Trindade por cinco épocas no Nacional — as três pedras basílicas de uma companhia a que não faltam um Samuel Diniz e uma Maria Clementina. Sabemos que, para não fugir às condições da concessão, Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro diligenciaram não perder três dos melhores elementos — além de Lucília Simões, essa adorável Lalande e, possivelmente, Villaret.

Não é, todavia, em relação aos seus elementos de representação que pretendemos expor o nosso considerando. Referimo-nos às novidades introduzidas na exploração — e, em especial, ao seu Conselho de Leitura. Amélia Rey-Colaço e Robles Monteiro que têm, afinal, a exploração particular de um organismo oficial e, à base da lei, vêem restringida a sua acção na escolha de um repertório que pode dar-lhes muito dinheiro mas de que não serão indemnizados, se o Conselho de Leitura se enganar na indicação das peças — hão-de dar-nos licença para o reparo. A verdade, porém, é que a lei criou um Conselho de Leitura para originais portugueses — mas esqueceu-se dos originais estrangeiros...

Nós bem sabemos que a empresa é incapaz de nos dar uma tradução que não esteja à altura da missão da casa de Garrett. Mas, quem ousa acusá-la de não ter usado da mesma capacidade, sempre que se tratava de originais portugueses?

Se alguma vez levou à cena peças que não correspondiam a essa mesma missão correspondente — seria sua culpa ou dos autores que não produziam melhor?

Ninguém pode negar a Amélia Rey-Colaço e a Robles Monteiro, a par de um alto critério artístico de um espírito de disciplina — uma boa vontade de defender o prestígio do teatro e do seu nome. Portanto, e visto que se criou um Conselho de Leitura para originais portugueses, há que manifestar a nossa estranheza diante de uma lei que se manifesta madrastra rigorosa para os autores nacionais, ao passo que abre a porta, surranteira, aos adventícios estrangeiros — nem sempre dignos de confiança legal...



CELIA GAMEZ Y GOENAGA

NATURALMENTE, é este o apelido que a popular estrela do teatro musicado vai usar, agora que se casou: Célia Gamez y Goenaga. Vêmo-los aqui em duas das fotos publicadas por uma revista recentemente chegada a Lisboa. Numa delas, vemos Célia Gamez e seu marido refugiados nas escadas da torre da igreja dos Jerónimos — em Madrid — enquanto a polícia desobstruía os arredores do templo, inundados de gente. Até parecia o casamento da Milú!

Os noivos, coitados, tiveram que sair pela porta da sacristia, com medo de serem devorados pelos olhos da multidão curiosa...

Célia Gamez e seu marido vieram passar a «lua-de-mel» para o Estoril e, segundo disse aos jornais, a gentilha vedeta vai abandonar o teatro logo que cumpria certos contratos de trabalho já firmados.

Outra artista que incompatibilizou a arte com o casamento...

FÓRA DOS BASTIDORES

MIRITA Castimiro, que regressou há dias de Espanha, onde comprou «Manoletes», um «cock» da mais alta fidalguia canina de Espanha — foi ela mesma quem o disse — pelo que contou aos jornais, gozou como moirinha nesta pequena viagem de digressão, ao lado de seu marido, o querido e popular Vasco Santana.

O que os jornais não disseram foi que Mirita — despesas a meios — com o Vasco, espatifaram seis mil pesetas na viagem...

— A Espanha tem tantas coisas, todas tão lindas e baratas para o nosso dinheiro, que a gente nem conta que as pesetas fazem contos... — disse a Mirita ao repórter de «Vida Mundial Ilustrada»...

◆ Bruniide Júdice e Alves da Costa lutam, segundo tudo leva a crer — «O Pirismo» é a terceira peça estrangeira que vão levar à cena, de seguida — com a falta de originais portugueses. Será, então, verdade que não temos peças nem autores? Aparentemente, é assim. Na realidade — é diferente. A instabilidade das organizações de elencos e a carença de elementos de representação, nesses mesmos elencos, é que hão-de ser a razão por que as companhias não levam peças portuguesas: quando a distribuição require novos, só há velhos; quando require velhos, só há artistas ainda por nascer...

◆ No repertório de inverno que os Comediantes de Lisboa vão apresentar, figurará uma peça americana de grande intensidade dramática, e cujas primeiras figuras serão desenhadas por Maria Lalande e João Villaret.

— Graziella Savioti, que está a revelar-se uma excelente encenadora, é também figurinista e tem idéias assentes, a respeito da arte de bem vestir no palco. Alguns dos mais graciosos vestidos, ultimamente apresentados em cena por Maria Lalande, são desenhados por esta jovem artista que advoga uma super-direcção de guarda-roupa, tal e qual há um

Voando para o Rio de Janeiro... ou talvez não?

DE vez em quando, fala-se na ida de uma artista para o Brasil. Os palcos portugueses parece que são pequenos para a grandeza das nossas vedetas. Por isso o Rio exerce sobre elas uma atracção alucinante: é a rádio, é o teatro, são os palcos gloriosos dos «grill-room's» dos casinos elegantes...

Entretanto, os alvitreiros são desmentidos pelos factos — e pelos próprios artistas. No Brasil há centenas de artistas do género lígiero que cantam melhor as modinhas brasileiras do que os nossos imitadores... No teatro sério, a mesma coisa. Qualquer organização teatral portuguesa pode ganhar muito em São Paulo e no Rio porque os núcleos de patricios ajudam. Mas é necessário que a organização tenha mérito excepcional — para que interesse aos brasileiros e aos estrangeiros que lá vivem, habituados ao contacto de boas companhias que põem pé em terra do Brasil, cada vez que se dirigem à Argentina — o grande centro cosmopolita sul-americano. El Dorado de todas as grandes companhias de nome universal.

Pois bem: lúdicas com as vozes da América, às vezes as nossas vedetas põem notícias a circular: aquela vai para o Copacabana, a outra está contratada pela Urcia...

Claro que, depois, as notícias não se confirmam. Voando para o Rio de Janeiro é, apenas, afinal, O sonho de uma noite de Verão.

E, entretanto, a Beatriz Costa continua por lá a fazer fortuna e a não ter quem a «desbanque» de garota n.º 1 dos palcos. Mas isso não admira: cá também nunca teve quem o conseguisse...

encenador e um cenógrafo, um director de cena e de máquinas.

— É preciso acabar com as «cazi-nhas» que as artistas fazem para o dia da estreia, prejudicando a harmonia do espectáculo — disse-nos ela há dias, convictamente. — A harmonia nas cores dos vestidos usados pelas artistas que contracenam é tão necessária como qualquer outro pormenor da encenação.

PÁGINA DAS UTILIDADES

Máquinas de costura



HUSQVARNA

uma perfeição
da indústria sueca

Vendas no «Stand» da Feira Popular, a pronto e prestações.

CASTRO & SOUSA, L.^{DA}

P. dos Restauradores, 13, 3.º
LISBOA Tel. 29888

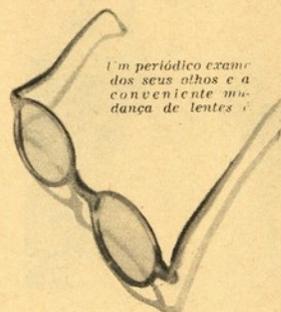
Quere artigos
de boa qualidade
a bons preços?



Visite a **CUTELARIA REIS**

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS PARA BRINDES
CUTELARIA / PERFUMARIA

RUA IVENS, 48 LISBOA Telefone 27217



Um periódico exame
dos seus olhos e a
conveniente mudan-
ça de lentes

uma ajuizada e pre-
vidente precaução.

PEREIRA OCULISTA

Rua da Vitória, 53 — LISBOA
(Em frente à Casa Africana)



JOALS

EXPOSIÇÃO DOS MOVEIS JOAL

UM QUARTO «QUEEN ANNE

MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 233-B
(ao Arleiro)

LISBOA Telefone 44033



O SABOR AGRADABILÍSSIMO
DO CREME DENTAL NOSEL

NÃO É UMA PASTA VULGAR

**Carrinhos e cadeiras
para bebés**

Elegantes e económicos



A pronto e com facilidades
de pagamento

J. Costa & Silva, L.^{da}

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.º
LISBOA — TELEFONE 26713

prefira
SHEAFFER'S

a caneta de tinta
permanente
de fama
mundial



Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

Todos os artigos domésticos de electricidade e gás



**Electro
Glória, L.^{da}**

Vendas a pronto e a prestações aos melhores preços
ELECTRO GLÓRIA, LDA.
Lisboa — Rua da Glória, 20-A Tel. 24050

Antes de fazer as suas compras consulte esta página



Raúl de Oliveira não sabe nada da Volta a Portugal

Oliveira, orientador técnico de todas as Voltas a Portugal, o homem que puxava todos os cordelinhos da complicada e exaustiva organização.

— Então a Volta não se faz, Raúl?
— Dizem que não. Mas não é a mim que V. deve fazer essa pergunta...

— Essa agora!... Então V. não devia ser o organizador?...

— Não confunda. O organizador era o «Diário de Notícias». Eu sou — quero dizer, — seria, o orientador, o homem da parte técnica, o homem dos pormenores da organização...

— ...por consequência, o organizador...

— Não insista na sua gentileza...
— Seja. Mas a Volta não se faz?...

— É como lhe digo. Li nos jornais que não.

A resposta é desconcertante... Raúl de Oliveira compreende-o. Sorri e despede-se de nós:

— Até à vista, meu amigo, nada mais tenho a dizer-lhe!

A Volta a Portugal em bicicleta, anunciada para o próximo mês, e que seria a 11.ª do rol, terminou antes de começar...

Durante alguns dias, o jornal organizador — poderemos acrescentar porque é assim — os jornais organizadores publicaram com destaque notícias referentes à organização da célebre prova... Utilizou-se até o normaldo...

De súbito, tudo quedou em silêncio... O que seria, o que não seria e a verdade da não realização começou a filtrar-se, através deste mesmo silêncio, logo depois confirmado por uma local explicativa das razões por que não se fazia a «Volta».

Encontrámos, no fim da semana passada, o nosso camarada Raúl de

RAFAEL VAI DEIXAR O FUTEBOL?

O Rafael Correia, tem só 28 anos... Apesar disso, outro dia afirmou-nos que está aborrecido com a bola.

Talvez aborrecido não seja bem o termo... Desiludido, é melhor. Porque? — perguntar! o leitor. A mesma surpresa manifestámos nós. E por tal, inquirimos dele o motivo.

— Supus que, depois da operação à perna esquerda, não jogaria mais. Felizmente fiquei bom. Em condições de poder dar o máximo, nas melhores condições. Mas... hoje é difícil jogar o futebol...

— Difícil?...
— Sim, meu amigo. A gente quer mexer-se e sente-se amarrado... Há como que uma espécie de raciocínio do esforço... Porque, às vezes, só um gesto obriga a refrear entusiasmos... E eu não estou de acordo em que o gesto seja tudo...

— Jogará então mais uma época?
— Uma atitude de dúvida e de incerteza:

— Não sei bem... Por mim, não iria além de uma temporada mais... Mas tenho de contar com as necessidades do meu clube. Logo que o Belenenses arranjar um substituto, deixarei de jogar...

— Não lhe causa pena abandonar os campos?
— Vivamente:

— Ah! Sim. Decerto. Gosto do futebol. Prático o por prazer. Mas como lhe disse, é difícil hoje, jogar...

— Numa transição:
— Além disso, a minha vida profissional toma-me muito tempo. Tenho muito que fazer... Todavia, tudo isso ainda seria o menos, se...

— Sim, sim, não diga mais... Mudemos de assunto: o lugar de extremo é o seu preferido?

Rafael sorri:
— Não me sinto mal, mas francamente, o pósto de interior é o que mais me encanta...

— Porque?...

— Porque ficava sempre ou quase, em frente da balisa, que é afinal o que me atrai...

— Sente grande prazer em marcar tentos?...

— E a finalidade do futebol. E um avançado não pode pensar noutra coisa.

— Que tentos prefere?
— Resposta pronta:

— Todos. Desde que batam o guarda-rédes, todos servem para ajudar o resultado.

— Pelo Belenenses há alguma novidade sensacional, quanto à futura temporada?

— Esquiva delicada, equivalente a prudência:

— Nada sei. A direcção do clube é que poderá responder...

O Rafael vai com pressa. Embargará-mos-lhe o passo em plena rua. Conversa de dez minutos. O suficiente, no entanto, para ficarmos a saber que o «internacional» de Belém, de pontapé famoso, está na disposição de pedir a reforma, tão depressa os «cazes» encontrem um segundo Rafael, ou um que se assemelhe...

DAQUI E DALI

O Lisboa Ginásio vai a Espanha ainda este mês, com uma embaixada dos seus melhores ginastas. Visitará Madrid e, possivelmente, Barcelona e Valência. O prestígio do grande Instituto de Educação Física passou as fronteiras...

O convite feito pelo organismo dirigente do desporto espanhol, sendo motivo de orgulho próprio, honra especialmente o desporto português.

O futebolista belenense Franklin parece disposto a voltar à reiva das Saésias... A menus que mude uma vez mais de opinião...

Confirma-se que Acácio e Armando, os dois setubalenses que se revelaram em Coimbra, também se decidiram abertamente pela turna azul.

Falta somente uma resolução superior, para que a notícia se oficialize...

Em Setúbal, prepara-se, para os primeiros dias da futura temporada da bola, um grandioso festival de homenagem a um clube da capital.

Referir-nos-emos ao assunto, no próximo número.



DESPORTO

“Nau sem rumo”

CONTOU-NOS José Travassos quando nos concedeu a entrevista publicada no último número: na Madeira existe uma colectividade cuja orgânica é muito curiosa. Tem por título: «Nau sem rumo», designação sugestiva que, por si só, chama a atenção geral.

«Nau sem rumo» tem algumas dezenas de sócios, pertencentes à melhor sociedade funchalense. Gente com possibilidades materiais, que se reúne periodicamente num banquete de confraternização e salutar convívio espiritual.

Preside actualmente à «Nau sem rumo», um antigo desportista, António Nunes. Este homem, figura de grande prestígio na Madeira, tem imprimido ao seu grémio uma orientação altamente filantrópica. «Nau sem rumo» conta nas suas fileiras, sócios de todos os clubes desportivos da Pérola do Atlântico.

Entretanto, nas reuniões que efectuam, está expressamente proibido falar em desporto, para evitar discussões, que tomam sempre grande calor, visto que a paixão clubista na Madeira atinge por norma a oitava alta...

Discute-se arte, abordam-se problemas de ciência, analisa-se a poesia moderna, trata-se, enfim de tudo, menos de desporto e politica.

À superfície, apenas espírito e... gastronomia!...

Cada reunião, ou melhor, cada banquete é dirigido por um sócio, previamente designado, que fica com a obrigação de organizar a ementa, que até à hora de se ir para a mesa, constitui sempre mistério... De forma que depende do critério e do gosto de cada um, o paladar dos banquetes...

A «Nau sem rumo» projecta a sua acção pelo campo social.

Subsidia uma escola para crianças pobres, educa-as, veste-as, calça-as, dá-lhes higiene, torna-as enfim, na medida do possível, felizes...

No banquete oferecido a José Travassos, dispuseram-se 70 talheres. O árbitro lisboense foi alvo das melhores homenagens e, excepcionalmente, abriu-se um precedente para falar em desporto.

A «Nau sem rumo» criada para reunir a «gente bem» da Madeira, é em suma uma agremiação que faz bem a muita gente. E nasceu da ideia de um grupo de homens do Desporto, de cores antagónicas, cujos sentimentos, porém, convergem para o mesmo fim, simpático e humano!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

Gunther Hagg o bombeiro sueco que bateu o recórd dos 1.500 metros!...

NO número 161 da nossa Revista, fizemos a história dos extraordinários corredores suecos Anne Anderson e Gunther Hagg, o professor de instrução primária e o bombeiro.

Tracámos o seu perfil, a forma como nascera a sua rivalidade, os cuidados que rodeavam a sua preparação, no conjunto a causa dos seus quase incríveis êxitos!...

Dissemos também que estava em perspectiva um novo duelo entre ambos. As agências telegráficas trouxeram-nos a notícia de que Gunther Hagg acabava de alcançar nova marca mundial nos 1.500 metros, em competição com Anderson.

O «tempo» feito é simplesmente espantoso: 3 minutos e 43 segundos.

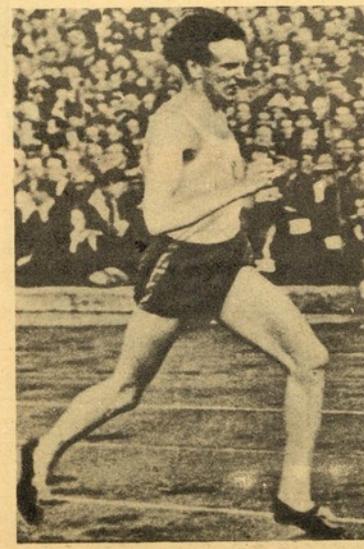
O «recórd» anterior era de 3 m. 45 s. 2/10 e pertencia a Anderson, que o arrebatava ao seu tão grande rival como amigo e do qual publicáramos uma foto há duas semanas.

Hoje, apresentamos o novo recordista Gunther Hagg, em plena prova, evidenciando um ítimo impressionante, aliado a uma passada poderosa, dominadora. Os pés quasi que mal tocam no chão.

É curioso salientar que Anderson bateu também o seu próprio «recórd», fazendo 3 m. 44 s.

A máquina humana continua a corresponder aos esforços que lhe são pedidos. Até quando? Manter-se-á por muito tempo este «recórd»?

Talvez sejam ainda os dois fenómenos suecos quem venha a responder...



V
I
S
I
T
E
M



«STAND» MADAME CAMPOS — apresenta os produtos de beleza há muito consagrados pela mulher elegante

OS MELHORES



«STAND» N.º 12 DOS ARMAZENS POPULARES DA PRINCESA DAS MEIAS

A Grande Empresa de Vender Barato que interessa a todos!!

Lisboa — Rua do Crucifixo, 75-1.º — Telef. 26738

"S
T
A
N
D
S"

DA

FEIRA POPULAR

«STAND»
DAS
LAMINAS
«DALCO»

As lâminas
de que todos
falam!



FIGURA DA VIDA MUNDIAL



SIR BERTRAM HOME RAMSAY — Eis uma figura que a guerra trouxe para o primeiro plano, no palco das operações em curso na França. Chefe das forças navais aliadas, Ramsay foi o comandante-chefe da navegação às ordens de Eissenhower, depois de se ter coberto de glória na histórica retornado de Dunkerque e ter vencido o inimigo no desembarque dos aliados no Norte de África. Como chefe da esquadra do Mediterrâneo, às ordens de «sir» Andrew Cunningham. Hoje, tem uma missão delicada e da qual, em boa verdade, depende todo o êxito das operações na Europa: o envio de tropas, antes, de navios — que vão combater do outro lado da Mancha.

(Caricatura de SANTANA)

Deborah Thalma

(Continuação da pág. 11)

ver. Para actuar prefiro o cinema e a rádio...

— Em que emissora já cantou?

— No Rádio Clube Português.

— Colaborei em dois programas aço-

reanos, por sinal uma iniciativa

multo interessante. No último, há

poucas semanas, cantei em portu-

guês, francês, inglês e espanhol...

— Bravo... Uma poliglota...

— Outro protesto, menos carregado:

— Vamos, deixe-se de barulho...

— Tem confiança na vida?

Deborah cala-se. A pergunta fóra

demasiado rápida, para ter uma res-
posta imediata...

A futura «estrêla» — quem o duvi-
dará? — recompõe-se:

— Por que não havia de ter? Basta

que a percamos quando ela nos aban-
dona lentamente, dando-nos tempo

para pensar que talvez não tivesse

valido a pena viver...

Os olhos ballam de novo:

— E preciso crer na vida para

acreditarmos igualmente em nós

mesmos... Sejamos optimistas!

...Pois, sejamos optimistas e aguar-
demos o primeiro filme da Deborah

Euterpe Thalma Saraiva de Ban-
deira — que artisticamente será a

Deborah Thalma — convencidos de

que ela não deixará por mãos alheias

o crédito que nos merecem os dois

apelidos, de onde irradia uma intensa



Meia «verónicas» de Ortega

JOSÉ Infante da Câmara enviou ao Campo Pequeno, para o espectáculo do dia 19, uma corrida muito desigual, tanto em tamanho como em condições de lide. É natural que, picado, o 7.º toiro se tivesse composto; porém, os que saíram para serem lidados em segundo, quarto e oitavo lugares, demonstraram, além de mansidão, mais instintos e um estilo feio.

Assim, a corrida não pôde resultar como todos esperavam de uma organização excepcional que desperdiçou tal entusiasmo que, na praça, não se via um só lugar vago. E foi pena, sobretudo que Fermin Rivera não tivesse também, como aconteceu aos outros, um inimigo manejava, com que pudesse mostrar a sua classe de toureiro fino e de raro colorido. Quem teve mais sorte, foi «Manoleta» que soube aproveitar muito bem o melhor toiro da corrida, um animal nobre, que «passava» excelentemente e, para mais, «terciado». É claro que com tal adversário não foi preciso grande esforço para ganhar palmas. Regista-se, porém, que «Manoleta» o conseguiu de forma notável, pois realizou uma boa «faena», quasi toda com a esquerda, em óptimos «naturais», que executou também com a direita e intercalando dols «molinetes» que nem pareciam déle, pela graça alegre que tiveram. O prémio da volta ao redondo foi justo, muito embora o toiro não oferecesse dificuldades — do que o toureiro não teve culpa.

No segundo inimigo «Manoleta» interessou pouco porque o toiro apresentava dificuldades e tal temperamento que não permitiu exhibição com o público gosta. Os toureiros como «Manoleta», de vincada personalidade, acostumam por tal forma o público à sua «maneira» que se o toiro nada fizer por eles e pelo seu estilo, não conseguem interessar. Com Ortega, porém, não se passa o mesmo. Toureiro essencialmente prático, dominando com passmosa facilidade, exercendo sobre o

No Campo Pequeno

Os toiros não ajudaram

toiro um ascendente absoluto, é já não precisa do adversário que «passe» porque não tem que impor o estilo mas sim o castigo. E fá-lo de tal maneira, que o público, tendo evidente preferência pelo toureiro bonito, deixa-se subjugar por Ortega, fascinado pela sua mão direita que sabe dominar a praça inteira. Com a actual preferência pública, só um toureiro excepcional como Ortega poderia e saberia remar contra a maré, continuando a ser primeira figura, indiscutível, numa época em que o toureiro tem uma «maneira» oposta à sua. Se assim não fôsse, não se verificaria o que se passou na tarde de 19: — ao laço de um toureiro chelo de cõr e de outro impregnado de «temple» e personalidade, sem lhe caber um bom toiro, conseguir a maior ovação que se ouviu, ovação espontânea e prolongada que lhe fez esquecer a injustiça dos «pitos» com que pretenderam diminuir-lo, após a lide do seu primeiro toiro. É que a «faena» foi de molde a conquistar, sem reservas, toda a assistência, entusiasmando os entendidos e os ignorantes.

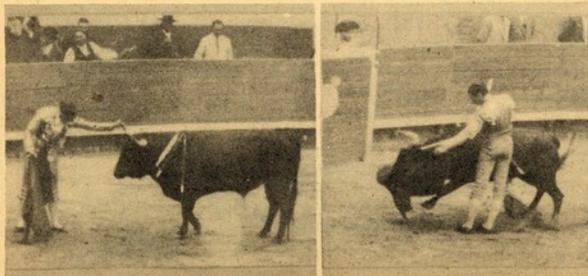
Fermin Rivera, a quem coube o pior lote e o maior toiro, pôde contudo, realizar no oitavo, uma «faena» de domínio que teve o valor indiscutível de ser, a que o toiro necessitava. Valentíssimo, deu uma nota mais, porventura a mais evidente, do seu valor como toureiro sabedor que imprime ao que faz aquela graça luminosa que erradiando dum maravilhoso «quite» no terceiro toiro, mereceu a primeira grande ovação da corrida.

Bandarilhando com a facilidade que lhe é habitual, teve três pares magníficos.

Nas «quadras» distinguiram-se «Pinturas» David e «Blanquitos». João Núnco farpeou o primeiro e o quinto touros — bem melhores que os destinados à lide a pé — e o seu trabalho teria resultado brilhante, se algumas vezes, não se precipitasse, o que lhe valeu os dissabores de dols fortes toques de montada e um «curto» cravado em mau estilo e com mau estilo. Como, porém, teve outras coisas muito bem feitas, com toda a beleza afluída da sua maneira de toureiro, chegou a entusiasmar o público que o fez dar a volta à arena em companhia de Procópio que não só se mostrara diligente na bréga, como ainda tirou umas «verónicas», das melhores que lhe temos visto.

A direção de António Gonçalves, sem reparos e oportuna na mudança dos «tercios» da lide.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



Rivera num adorno, e «Manoleta» toureando por «naturais»

MULHERES TOUREIRAS

TOIROS

Carmen Marin e Angelita Alamo dizem-nos como se fizeram toureiras

QUANDO na segunda-feira, ao descermos a Avenida, Carmen e Angelita nos chamaram, logo notámos que alguma coisa de anormal se havia passado, furtando-lhes a boa disposição e alegria naturais. Na realidade, assim tinha acontecido, e por isso se apressavam a dar-nos explicações da sua tristeza. E nós ouvimos-lhes porque de facto valia a pena saber que se passara na Barquinha onde, contrariamente ao que se havia estipulado e constava dos seus contratos, a Empresa da praça de toiros lhes reservou quatro autênticos toiros — assim reconhecidos pelo veterinário no seu boletim. Por esse motivo, Carmen e Angelita negaram-se a tourear numa atitude que foi prontamente aceite pela autoridade, logo que lhes foi apresentado o documento, provativo de que se haviam proposto lidar garralos e não toiros. Dada esta explicação, resolvemos aproveitar a ocasião para perguntar às duas toureiras como se tinham resolvido a abraçar uma profissão tão cheia de perigos.

Carmen conta, então, a sua história: — Meu pai tinha uma vacada e, talvez por esse motivo, desde muito nova me tornei aficionada. Um dia, com meu irmão, tentámos lidar uma bezerra, mas foi tal o medo que tive que vingui-me tomou a sério. A minha ideia de tourear continuava, porém, de pé, e quando um dia me veio parar às mãos um jornal em que se anunciava uma Banda com variedades taurinas em que actuavam mulheres, escrevi a oferecer-me. Meu pai concordou, porque estava convencido de que eu desistira... Tinha manifestado tanto medo, da outra vez, que não podiam levar-me a sério...

— Mas não foi assim... — Pois não, felizmente. Apresentei-me corajosa, quis trabalhar e, como vê, não me sai muito mal...

Angelita depõe em seguida: — Trabalhava numa companhia cinematográfica como figurante. Como todos, tinha naturalmente as minhas ambições. Mas, não sei, tinha a impressão de que, por ali, nunca seria alguém. De modo que aproveitei a ocasião de distinguir-me, uma vez que pediram, para um filme, uma mulher que toureasse. E como nenhuma se mostrou disposta a fazê-lo, ofereci-me. Apreendi a tourear com vários toureiros, ingressando mais tarde na «Banda» a que Carmen se referiu. Como nos achassemos capazes de ir mais longe, formámos «pareja» e passámos a actuar como novilheiras.

— Mas em Espanha não é proibida a exhibição de mulheres toureiras?

— Carmen que responde: — Sim, e por isso é que resolvemos tentar o toureiro a cavalo — único permitido. E já que estou na terra dos cavaleiros, espero aprender bastante para poder depois levar à minha terra um «rejeño» novo — misto dos estilos de campo e Mariatva.

Junto das duas toureiras está a sua secretária, a «señorita» Josefina Albarracín, a quem perguntamos se não tem nada a dizer-nos.

Sorri, e responde sem hesitação:

— Sim, tenho... Que gosto muito de Portugal e tanto de touradas que só por «afición» aceitei o cargo de secretária de Carmen e Angelita.

— Para administrar os dinheiros — esclarece Carmen.

E despedimo-nos com este vos sincero:

— Pois que consigam muitos toiros e ganhem muito dinheiro!



CAPOTAZOS

PARA QUANDO?

Depois da corrida de Santarém, em que Leopoldo Ramos deu um aspecto diferente do seu valor como toureiro, há certo interesse em tornar a vê-lo, pelo que as empresas não andarão mal se o incluírem nos seus cartazes.

Pelo mesmo motivo tem causado estranheza não se ter ainda apresentado em Lisboa o matador Arturo Alvarez, «Viscaíño», que, tanto em Setúbal como em Vila Franca, e apesar de lhe terem tocado toiros difíceis, deu boa conta do seu valor como toureiro valente e de bom estilo.

SOL MEXICANO

Já o esperavamos. Carlos Arruza toureou em Espanha, tendo conseguido as mais expressivas ovações, sobretudo no seu segundo toiro, em que recebeu o prémio das duas orelhas. Já sabíamos que isto ia acontecer, e cremos que os espanhóis se terão convencido da vantagem que para eles representaria a solução rápida do conflito espano-mexicano. No noventa céu da Península aficionada, o único sol capaz de aquecer o ambiente é, acreditem, o mexicano...



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXVI—Países ocupados—Polónia

E' geralmente conhecido o epílogo da campanha da Polónia, em Setembro de 1939. A totalidade do País foi ocupada. Os exércitos alemães, depois de terem atacado simultaneamente o país por três lados diferentes, penetraram rapidamente no interior. Ao fim de quinze dias de luta, em consequência do pacto germano-soviético concluído poucos dias antes das hostilidades, o exército soviético penetrou nas províncias orientais da Polónia. A retirada das forças polacas que recuavam perante o avanço da Wehrmacht tornou-se impossível. Os acontecimentos precipitaram-se rapidamente. As nações ocidentais, França e Grã-Bretanha que tinham declarado guerra para satisfazer os compromissos que haviam assumido com a Polónia não estavam em condições de intervir militarmente.

A batalha de Kutno, travada em 18 de Setembro, decidiu da sorte da Polónia. Foi a primeira grande manobra de cerco dada pela Wehrmacht no decurso desta guerra. Os métodos da «blitzkrieg» particularmente estudados e preparados pelo Estado-Maior alemão foram postos em prática com pleno êxito contra um exército numericamente inferior e cujas possibilidades de resistência estavam praticamente anuladas desde que, em obediência ao pacto de Moscovo de 23 de Agosto, as tropas soviéticas haviam penetrado em território polaco.

O grosso do exército polaco foi cercado e aniquilado na batalha de Kutno. A derrota da Polónia era um facto irremediável. Durante uma semana aproximadamente a capital do país resistiu ainda ao ímpeto dos invasores. Mas a decisão militar estava dada. Os bombardeamentos aéreos de Varsóvia, que se tinham iniciado no próprio dia em que as tropas alemãs penetraram no território polaco, intensificaram-se. Não havia para lhes fazer face nenhuns elementos sérios de

resistência. Em 28 de Setembro, Varsóvia capitulou. Da cidade tinham desaparecido os viveres. Os defensores não dispunham já nessa altura de munições.

De 28 de Setembro a 3 de Outubro a guarnição da península de Hela, um punhado de homens isolados do resto do país, manteve-se ainda. Mas a sua resistência durava já há um mês e não era possível prolongá-la nem por mais um dia. Os defensores da península de Hela foram, porém, os últimos a renderem-se perante uma superioridade esmagadora dos seus adversários.

De 2 a 5 de Outubro, nas proximidades de Koch, alemães e polacos travaram os seus últimos combates, combates mais simbólicos do que outra coisa, pois foi em Kutno que se decidira a sorte imediata do país.

A PARTILHA DO PAÍS

Praticamente, portanto, a partir de Outubro de 1939 todo o território polaco passou a viver em regime de ocupação. Durante quasi dois anos, entre Outubro de 1939 e Junho de 1941, essa ocupação foi realizada pelas forças militares de dois países, o Reich e a U. R. S. S. Se excluíram as pequenas parcelas de território polaco cedido a título de compensação pelos vencedores à Eslováquia e à Lituânia, pode dizer-se que alemães e russos partilharam a quasi totalidade desse território sobre o qual passaram a exercer uma dominação completa.

Em consequência da guerra germano-russa, iniciada em Junho de 1941, as províncias orientais da Polónia que tinham estado sob o domínio soviético passaram também para o regime de ocupação alemã. A partir dessa data, e já lá vão decorridos portanto três anos, é lícito dizer que a totalidade do território polaco é governada pelas autoridades do Reich. A acção destas não tem sido uniforme há, naturalmente, que distinguir entre a ocupação, quando esta foi exercida pela Wehrmacht, e aquela quando ela esteve confiada quer a elementos civis, quer aos organismos de segurança alemães.

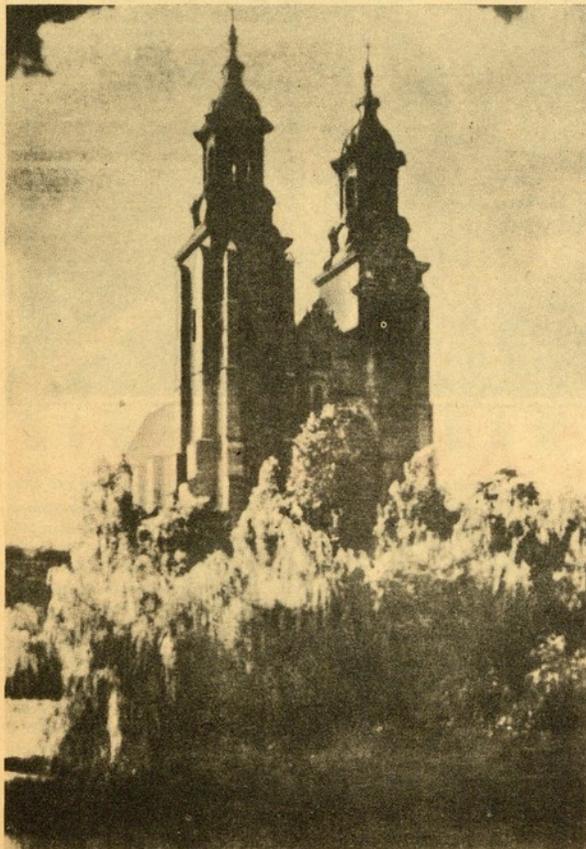
Por outro lado o regime de ocupação não foi idêntico para todas as parcelas do território polaco. As diferenças registadas explicam-se por vários motivos. Em princípio a ocupação alemã estabeleceu três sistemas administrativos. O primeiro abrangeu as províncias ocidentais do país, limitrofes das antigas fronteiras do Reich. Essas províncias foram pura e simplesmente integradas neste último país. O segundo incluía o que passou a designar-se oficialmente como Governo Geral. Era a parte do território polaco formado pelas províncias do centro e do sul do país. Finalmente, havia as províncias de leste que foram divididas pelos ocupantes em duas grandes unidades administrativas às quais foram dados respectivamente as designações de Ostland e Ucrânia.

Na primeira fase da ocupação alemã falou-se muito da criação dum estado tampão tornado necessário pela rivalidade entre o Reich e a U. R. S. S. Esse estado tampão devia corresponder, aproximadamente, aos limites assinalados para o Governo Geral, mas nessa altura ainda as perspectivas da guerra na Europa se não haviam descoberto com suficiente clareza e o acordo germano-russo parecia à prova de todas as contrariedades. Entretanto o pensamento da criação dum estado tampão com os limites que lhe eram destinados dava uma ideia bastante clara quanto ao fundo das intenções dos ocupantes em relação à Polónia.

A INCORPORAÇÃO DAS FRONTEIRAS OCIDENTAIS

Em seguida à sua vitória militar o Reich anexou, imediatamente, as províncias ocidentais da Polónia onde viviam minorias alemãs. Estas províncias tinham uma

(Continua na pág. 20)



A catedral de Gniezno, na Polónia.



A epopeia do açúcar

DESDE tempos imemoriais, a humanidade utiliza substâncias doces. O primeiro emel sólido, não derivado das abelhas, começou Alexandre Magno, na Índia, no ano 327 antes de Cristo: era açúcar de cana. O açúcar de cana só se dava bem com os climas tropicais. Por isso, chegava à Europa após viagens longas e penosas. Até ao século XIX, era produto considerado de luxo, guloseima para ricos, e em que os intuitos religiosos se misturavam com os comerciais, a cana do açúcar foi plantada na Ilha do Chipre, no Mediterrâneo. Depois, passou à Sicília, Madra, Cândia, e acabou por atingir a América, no século XV. Em 1515 chegava a Espanha o primeiro carregamento de açúcar americano.

As necessidades do açúcar na Europa cresciam, de uma maneta espantosa, com o aumento rápido da população e rápida vulgarização do chá, café, cacau e chocolate, nos séculos XVI e XVII.

Nos primeiros tempos, o açúcar era uma substância tão preciosa que certa rainha da França deixou em testamento meio quilo deste produto. E chegou a ser vendido, como remédio, na terapêutica antiga!

Na América, descoberta e dominada pelos europeus, a cana do açúcar encontrou clima ideal. Os negociantes e plantadores lançaram-se à produção em larga escala. A mão de obra foi procurada na escravatura. E aqui começou a trágica história dos escravos africanos, que, em número de meio milhão, entraram nas plantações de açúcar do Novo Mundo.

Todavia, o desbravamento das terras e as novas plantações não supriam as necessidades da Europa e, por outro lado, os negros africanos cada vez se mostravam mais difíceis de ser caçados.

A orgânica capitalista levou imediatamente à criação do monopólio do açúcar e seu conseqüente aumento de preço. A subida aguçou o espírito inventivo de muitos homens e começou a extrair-se açúcar do acer, do milho, mas nenhuma destas plantas lograva, nem de longe, suplantiar a cana do açúcar.

Só as pesquisas sistemáticas do químico alemão Marggraf levaram a descobrir as possibilidades de extrair, vantajosamente, açúcar da beterraba. Depois de lavadas em água corrente, as beterrabas eram cortadas em pequenas fatias e, em seguida, reduzidas a papas e espremidas em prensas hidráulicas. O suco obtido era filtrado e concentrado em caldeiras de ar rarefeito.

Apenas meio século mais tarde a descoberta de Marggraf foi aproveitada, graças à tenacidade de Achard, que teve de lutar com os privilegiados refinadores de açúcar colonial. Por fim, a beterraba venceu. O bloqueio continental, decretado por Napoleão, em 1806, contra a Inglaterra, impedia a entrada, na Europa, de produtos ultramarinos, e intensificou a produção e o consumo de açúcar de beterraba, apesar de se dizer que era áspero e um sucedâneo fraudulento do bom açúcar de cana.

Por esta altura, Achard descobriu que o carvão de ossos clarificava o caldo e que a adição de cal provocava a eliminação de substâncias não sacarinas, podendo-se, depois, retirar a cal por meio do gás carbônico.

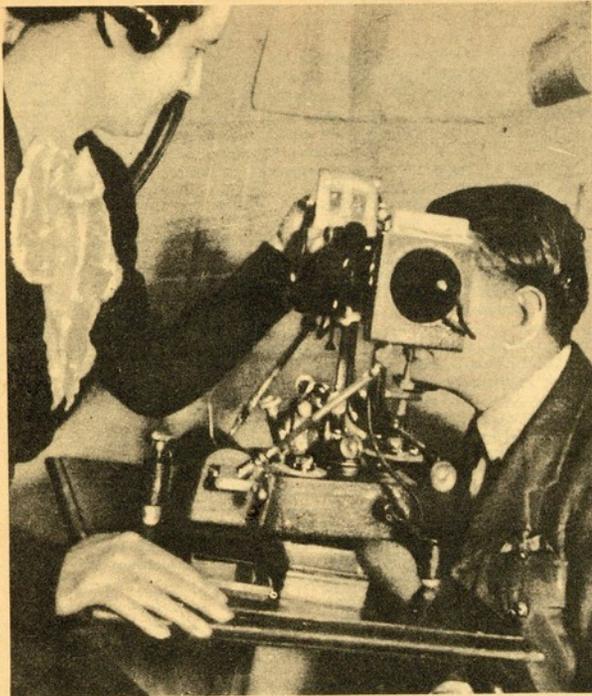
A acção conjugada do melhoramento das máquinas, do aparecimento de espécies de beterraba com elevado teor sacarino graças a um cultivo científico, e ainda à crescente magnitude das plantações, acabou por criar uma situação perigosa para o açúcar de cana. Começa, então, a guerra do açúcar entre os grupos capitalistas interessados pela cana e pela beterraba.

Entretanto, a organização do trabalho com base na escravatura foi desclassificada pelo seu reduzido rendimento económico. Pouco a pouco, entre 1807 e 1886, os diferentes países esclavagistas aboliram a escravatura em nome, claro está, de uma retórica humanitária. O «trabalho livre» foi logo organizado, tomando o nítido aspecto de uma escravatura disfarçada.

Nos fins do século passado, as produções mundiais dos dois açúcares equilibraram-se, mas a beterraba foi de novo vencida, sobretudo quando os Estados Unidos se interessaram pelo «progresso» de Cuba. Esta ilha transformou-se numa espécie de paraíso do açúcar e dos plantadores americanos e cubanos. As «élites» das cidades nadaram em ouro; em Havana a orgia e a degradação moral imperaram. E a miséria do povo cubano era imensa...

O capital americano invertido em Cuba era de 1 bilhão e 600 milhões de dólares — e isto explica com que afã toda a administração cubana foi corrompida. Só depois de 1933 o povo conseguiu libertar-se, pelo menos em parte, da «protecção» dos Estados Unidos, mercê de sangrentas lutas.

A história do açúcar continua a ter os seus altos e baixos. Cana do açúcar e beterraba continuam a embater-se. E vê-se bem como até agora a história das matérias-primas têm sido páginas de sangue, fome e escravidão para quase toda a humanidade.



BONS OLHOS

DEVIDO à guerra, e à conseqüente necessidade de seleccionar os indivíduos capazes de bons serviços na aviação, houve um nítido progresso nos métodos para um estudo sistemático dos

olhos. Os olhos podem ser examinados sob variados aspectos: o poder analítico, diferenciador, a distinção das cores, a resistência à pressão e às infecções, etc., etc. A foto mostra um candidato a aviador sendo examinado por um aparelho chamado «sinoptoforo». O «sinoptoforo» avalia o estado da mobilidade dos músculos dos olhos e o equilíbrio das suas acções.

O mistério do cinema

NO cinema há movimento mas ninguém nota saltos bruscos ou interrupções, muito embora uma fita seja composta de milhares de fotografias distintas umas das outras, e que se sucedem segundo uma ordem. Porque acontece assim?

O fenómeno movimento, no cinema, tem a sua base no aproveitamento dum outro fenómeno: a persistência das imagens na retina (fundo do olho). Quando a retina recebe uma impressão luminosa, a sensação não desaparece logo, mas persiste durante 1/20 do segundo. De modo que não se notam interrupções, quando as imagens se sucedem numa velocidade igual ou superior de 1/20 de segundo.

Veja-se agora como o fenómeno da persistência das imagens é aproveitado no cinema, para dar a ilusão do movimento. O filme é uma série de instantâneos do movimento original, tomados todos à razão de um instantâneo por cada 1/25 do segundo, e colocados em ordem cronológica. O filme é depois desenvolvido num movimento rápido, de modo a passarem em cada segundo, 25 fotos no aparelho de projecção, em obediência a um ritmo complicado.

No momento de ser projectada, cada fotografia fica imóvel durante 1/25 do segundo; depois, um movimento brusco escamoteia-a e substitui-a pela imagem seguinte. Durante este tempo curtíssimo, o ecrã fica escuro, porque a passagem da luz é tapada pela porção opaca dum disco. O mecanismo necessário para produzir este movimento é delicado, mas absolutamente eficiente.

O olho não se apercebe da escumoteação da luz entre as duas fotos, porque a sensação da imagem dura o tempo suficiente para a imagem seguinte ocupar o seu lugar. Claro está que os movimentos fotografados são suficientemente lentos para que entre duas imagens não haja grandes diferenças, mas de todo este conjunto de circunstâncias resulta que o olho funde uma imagem na imagem seguinte, e do desfile das imagens nasce a sensação duma imagem continua e móvel.

RESPIRAR BEM NÃO É FACIL

É raro usar-se convenientemente do mágico poder dessa maravilhosa central que são os pulmões. Respira-se pouco, e em locais onde a ventilação é nula ou muito pobre. Por isso os pulmões deixam de receber a quantidade necessária de oxigénio que deveriam receber e o anidrido carbónico acumula-se no sangue, causando uma sensação de abateamento ou palpitação no coração, deixando a porta aberta para infecções e constipações.

A respiração deve assegurar uma ventilação adequada aos pulmões, que se acham precisamente colocados numa posição favorável, livres de qualquer peso, e capazes de expandir-se em todos os sentidos.

Como exercício respiratório recomenda-se ficar de pé, diante da janela aberta ou ao ar livre, aspirar vagarosa e profundamente o ar, alargando o peito, elevando os braços até à altura dos ombros, retê-los nessa posição um segundo, e em seguida deitar fora o ar contido nos pulmões, descendo os braços até à posição normal.

Dez minutos, duas ou três vezes por dia, são mais que suficiente exercício, se feito com vontade e aproveitamento. Esta prática tão simples pode também ser feita de braços caídos, quando em passeio, sem atrair as atenções. Respirar sempre pelo nariz! A respiração pela boca irrita as membranas delicadas e o contacto directo com o ar seco e frio, carregado de impurezas, provoca a irritação das vias respiratórias.

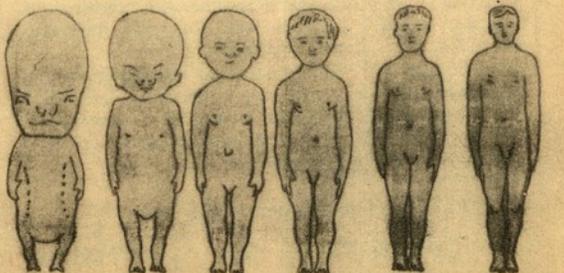
Deve evitar-se os exercícios respiratórios, quando se executa qualquer trabalho violento, pois depressa provocariam cansaço.

É importante, ao expelir o ar, comprimir os músculos abdominais, afim de fazer sair todo o ar. Porque, se assim não se proceder, o anidrido carbónico que fica nos pulmões entrará na circulação, arrastando as suas impurezas através de todo o corpo.

Cuidado, pois, com a respiração! Não há nada melhor para evitar constipações, formar sangue sempre novo e revigorar o corpo, do que uma respiração profunda, rítmica, ao ar livre numa atmosfera bem ventilada.

Proporções humanas

DURANTE o crescimento, as proporções humanas modificam-se duma maneira muito sensível. Vemos aqui o corpo humano em diferentes idades: com dois meses, e portanto ainda no estado de feto; com seis meses; quando acaba de nascer; com 2 anos; com seis anos, e, finalmente, no estado de adulto. Na foto aparecem todos os corpos do mesmo tamanho, mas interessa apenas observar as diferenças nas proporções entre as diversas partes do corpo. Repare-se como os braços e as pernas crescem mais depressa que o tronco, e como o tronco cresce ainda mais depressa que a cabeça. É notável, no feto de dois meses, o predomínio da cabeça.



EM TERRA, NO MAR OU NO AR

USE



RALCO
LA CHAUX DE FONDS SUISSE
IMPERMEAVEL AUTOMATICO
ANTI-MAGNETICO AMORTecedor DE CHOQUE
MODELO Nº338.294 - ESC.450.00
MOSTRADOR LUMINOSO
RELOJOARIA
MAURY
RUA AUREA 202-LISBOA

Outros modelos desde 300\$00

Deixe o gramofone ensinar-lhe outra lingua



Veja como é fácil !...

Sente-se confortavelmente e oiça os discos próprios para o ensino de línguas no seu gramofone. Todos os discos são gravados por professores da nacionalidade.

CURSOS DE:
Francês, Inglês,
Alemão, Ita-
liano, Espanhol,
Português, etc.

A medida que ouve o disco siga as palavras ditas pelo professor no livro de texto ilustrado, fornecido com o curso.

Rapidamente se familiariza com a lingua que aprende e em breve está apto a principiar a escrever e

falar com boa pronúncia, pois nestes discos não ouve uma só palavra mal pronunciada.

Peça uma demonstração nos

Est. Valentim de Carvalho

RUA NOVA DO ALMADA, 97

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 18)

superfície aproximada de cem mil quilómetros quadrados e uma população de dez milhões de habitantes. A argumentação dos jornais de Berlim para proceder assim fundamentava-se, sobretudo, em razões de ordem histórica.

Os alemães alegavam que durante cento e cinquenta anos, em seguida à grande partilha realizada no século XVIII entre a Rússia, a Áustria e a Turquia, aquelas províncias tinham vivido sob a dominação prussiana e que a sua integração na Polónia ressuscitada pelos tratados de paz de 1919 fôra o produto dum «dikta» que a nação alemã nunca aceitara. Com os territórios que se encontravam nestas condições, outros foram, porém, incorporados no Reich.

Os territórios que foram pura e simplesmente sujeitos a este regime repartiam-se por quatro províncias: a Silésia polaca e uma parte das Voivodias de Kielce e Cracóvia, o Wartheland, formado pelas Voivodias de Poznan e Lodz; o «Gem» de Dantzig, abrangendo o antigo corredor e a cidade livre de Dantzig, motivo imediato de eclosão do conflito; a regência de Zichenau que ficou composta por parcelas das Voivodias de Varsóvia e de Bejalistock. Estes nomes corream alguns dos episódios culminantes desta guerra nas duas primeiras fases.

Dantzig fôra a cidade predestinada, como Seravejo, para dar origem a uma grande conflagração mundial. É possível que, no turbilhão dos acontecimentos, o seu nome esteja um pouco esquecido. Mas a história não deixará de se ocupar dêlo demoradamente. O corredor polaco, cuja existência fêz correr rios de tinta antes de ter feito correr rios de sangue, era um nome familiar no noticiário das agências telegráficas e nos comentários dos jornalistas políticos há cinco anos. Cracóvia e Poznan, Lodz e Rejalistock viram desenrolar-se alguns dos episódios culminantes da campanha da Polónia e mais tarde da guerra germano-russa.

Segundo a argumentação alemã, tratava-se de terras alemãs, habitadas por alemães. O seu destino não podia deixar de ser o da anexação pura e simples. A existência de fortes núcleos de população polaca não impediu que essa anexação se fizesse com tôdas as suas consequências. O problema das minorias étnicas começava a ser tratado por métodos de guerra.

A SITUAÇÃO DOS OCUPANTES

Os dirigentes alemães nunca tinham, de resto, deixado quaisquer dúvidas quanto às suas verdadeiras intenções em relação àquelas províncias. Pouco depois da vitória das armas do Reich sobre o exército polaco, o «gaulleiter» Greiser, que tão grande celebridade tinha conhecido pela sua atitude de intransigência durante o período que precedeu imediatamente o início das hostilidades, dizia num discurso proferido numa reunião de colonos alemães: «Depois da vitória dos nossos soldados é o colono que entra na luta. Dentro de dez anos não haverá aqui uma única parcela de terreno que não seja alemã, nem uma herdade que possa pertencer a quem quer que seja, além dos nossos colonos. Estes começam a chegar de tôdas as províncias do Reich, dos países bálticos, da Lituânia, da Roménia, da Rússia, do Tirol para se estabelecerem aqui. Cada um dêles vem para travar o seu combate com o camponês polaco».

Num outro discurso pronunciado pouco tempo depois em Bromberg, o «gaulleiter» Greiser exprimia-se em termos ainda mais claros e enérgicos sobre o assunto: «Nomeado pelo Führer para este posto de confiança, a minha missão consiste em assegurar a vitória definitiva da causa alemã nestas regiões. Recebi ordens terminantes para as germanizar o mais rapidamente possível. O Führer escolheu-me para depositário da causa alemã aqui. É essa a minha missão. Ela consiste essencialmente em fazer com que, dentro de alguns anos, desapareça tudo aquilo que possa recordar a Polónia. Esta concepção applica-se sobretudo à necessidade de depurar esta região sob o ponto de vista da raça. Quem, vivendo actualmente nela, continuar a pertencer ao povo polaco deve abandoná-la. Espero que neste combate pela nossa causa saibamos usar de necessária dureza».

Não se tratava da opinião pessoal dum funcionário da mais alta categoria que era, ao mesmo tempo, uma das personalidades mais categorizadas no partido e no regime nacional socialista. Tratava-se duma doutrina fixada de há muito e cuja execução se fazia com a energia correspondente àquela que os exércitos alemães estavam dispensando para fazer a guerra. A germanização implicava, naturalmente, a applicação duma série de medidas excepcionais que visavam, fundamentalmente, a eliminação da parte polaca da população ou pelo menos a sua transferência para outras paragens.

MEDIDAS DE REPRESSÃO

Os elementos intelectuais e as classes dirigentes de origem polaca eram particularmente atingidos por essas medidas. O mesmo pode dizer-se das instituições polacas culturais ou de assistência, cuja existência era considerada prejudicial pelas autoridades de ocupação. A grande massa da população polaca recebeu também indicações para abandonar aquelas regiões. Nas cidades os nomes das ruas, bem como os nomes das vilas e aldeias foram modificados. O pôrto de Gdynia, construído pelos polacos depois da última guerra, passou a chamar-se Gotenhafen. A designação de cidades conhecidas, como Lodz e Ciechocinetz, foram igualmente alteradas.

Com os nomes das localidades e das ruas, as inscrições de qualquer espécie e os artigos e anúncios passaram a ser redigidos exclusivamente em língua alemã. Os monumentos que recordavam ou celebravam factos, datas e figuras históricas de significação polaca foram retirados. Essa sorte tiveram, por exemplo, alguns monumentos conhecidos como a estátua de Kosciuzko, em Lodz, e a estátua de Cristo-Rei em Pojeran.

As instituições culturais ficaram sujeitas a um regime de vigilância rigorosa quando, como aconteceu a diversas associações, museus, bibliotecas, não foram eliminadas. Com elas os dirigentes polacos e os intelectuais tiveram de suportar um tratamento duro. O «gaulleiter» de Tomorze (corredor polaco) escreveu a este respeito: «Os alemães precisam não esquecer que os pioneiros da Polónia foram sempre os eclesiásticos, os nobres, os professores e os proprietários. Enquanto nesta terra houver homens dessa categoria que não são alemães não estamos em condições de dizer que ela foi conquistada por nós».

As estatísticas publicadas pelo governo polaco no exílio referem alguns números relativos ao desaparecimento de elementos dirigentes, especialmente de intelectuais na Pomerania, na Posnania e na Silésia. Muitos desses homens foram enviados para o Reich e colocados sob uma vigilância rigorosa. Outros foram enviados para as planícies polacas do centro. O rigor que acompanhava êstes transferentes e o tratamento que lhes implicavam não tinham paralelo com a natureza das providências adoptadas em tempo de paz para realizar as transferências de população que por vezes é necessário realizar para liquidar, em certas zonas nevrágicas do nosso continente, os problemas criados pela existência de minorias étnicas.

(CONTINUA)

PARA O VERÃO!



A mulher na guerra

Rita Hunt acaba de alcançar um extraordinário triunfo no exame de aptidão que fez para piloto das forças aéreas. Sob as indicações do famoso professor Johnson O'Connor ela demonstrou em todas as provas de exame que possui a visão das três dimensões, o que é fundamental para todo o bom piloto!

CURIOSIDADES

SABEM quem são estas alegres raparigas?

Duas jovens estrelas de cinema: Dorothy Morris e Frances Rafferty. Ambas tinham os seus bonitos carros que as levavam todas as manhãs pela fresquinha, estrada fora, a caminho do estúdio. Mas surgiram dificuldades: agora, era a falta de gasolina, logo, outra complicação, como por exemplo, o local onde o teriam de deixar. Por esses e por outros motivos, as bicicletas aumentaram, aumentaram. E Dorothy Morris e a companheira não hesitaram sequer. Montadas nas suas bicicletas, alegres pelo exercício, todas as manhãs, lá vão elas, brincando às corridas, respirando felizes o ar fresco da manhã que lhes bate no rosto, que lhes deixa os cabelos a esvoaçar, que lhes entra pelo decote da blusa, dando-lhes ao corpo uma sensação de energia. E pedalando,



pedalando, pois o sol já vem subindo, elas correm, brincalonas e felizes, encurtando cada vez mais na estrada comprida, a distância que as separa do estúdio onde o trabalho as espera.

E é assim todos os dias...

As grandes espias da moda!

QUANDO falamos em grandes casas de modas, em célebres costureiros, em brilhantes passagens de modelos, nem por sombras nos vem à imaginação a luta, a canseira, os desenganos e até mesmo os tranques audaciosos, desenrolados à volta desse mundano acontecimento. E tudo isto, porque...

Depois da guerra ter rompido pelas fronteiras da França, os grandes costureiros franceses começaram a debandar para a América, instalando-se quasi todos na grande Quinta Avenida, vizinhos, portanto, dos que já lá se encontravam. E da antiga rivalidade que existia, surgiu então uma raiva surda que aos poucos se foi avolumando. Aquilo não podia continuar assim. Era preciso combaterem-se, abatendo os adversários pela concorrência. E a luta começou!

Mas, em que consiste essa luta? Na descoberta e posse dos modelos sensacionais! Para isso, servem-se de uma arma terrível, a arma de todas as guerras — as espias! E assim surgiram «as grandes espias da moda».

Hoje, quando uma casa criadora de modas faz uma passagem dos seus modelos, entre a assistência espalha-se o pessoal de «contra-espionagem» para evitar que, das cadeiras da primeira fila, surja uma máquina fotográfica escondida nas pregas dum vestido ou nos próprios sapatos, a captar o modelo mais belo ou mais original. Mas, apesar de tanto cuidado, não raras vezes o modelo criado por uma casa e no qual está posta a esperança dum grande venda, aparece, às vezes, nas montas da casa vizinha, quasi imediatamente e a um preço reduzidissimo... É assim que eles se combatem. Porém, a curiosidade de toda esta luta, está na apertada rede de espionagem.

As espias entram nas casas rivais com nomes supostos, chegam a esconder as máquinas fotográficas nas próprias ligas, fazem intrigas e... arriscam o coração. É verdade, arriscam o coração! Como?

A maior parte das casas criadoras tinha como desenhador um jovem pintor para retratar os seus modelos. Elas — as que estavam a sôdo da casa rival — conseguiram fazer-se amar pelo jovem pintor e assim assenhoriar-se de todos os segredos. Em seguida, à maneira dos dramas de espionagem de guerra, fugiam com os «planos» roubados, indiferentes ao que pudesse acontecer ao pobre ludibriado!

Mas as precauções continuam a ser tomadas. A nosso foto apresenta, precisamente, um desenhador... que é uma desenhadora — não por causa das desilusões de amor, mas sim para salvaguarda dos interesses dos criadores de modelos.

Todavia... apesar de tantas precauções... a espionagem continua!...

MARIALIA



OS ÚLTIMOS E MAIS ELEGANTES MODÉLOS DE PRAIA



Gaby COUTURIER

R. BRAAMCAMP, 6, r/c. D. Telef. 4.3735 LISBOA

RESPONDENDO ÀS LEITORAS

«Tenho uma pele muito oleosa e com algumas espinhas. Poder-me-á dizer se a alimentação tem alguma influência? Posso usar cremes?»

L. A. SANTOS

Deve evitar comer gorduras e condimentos e preferir frutas e cereais.

Para a pele como a sua, terá de escolher com cuidado o creme que usar. E, sobretudo, muita cautela com os cremes gordurosos, pois não lhe convêm.

«Devo receber uma visita brevemente com quem faço cerimónia. Meu marido quer oferecer-lhe licor. Devo chamar a criada ou oferecer-lho eu própria? Devo pôr o cálice numa bandeja ou dar-lho sem ela?»

ANINHAS

Julgo mais conveniente que seja você própria a ter essa gentileza. Contudo, deve ter à mão, num armário, por exemplo, o cálice e o licor que, na altura desejada, sem precipitações, você encherá e oferecerá ao visitante, mas sem bandeja, é claro. Se optar pela criada, então essa é que deverá apresentar o cálice sobre uma bandeja.

A RECEITA DA SEMANA

BSICOITOS DE ANJO

Num alguidar próprio para fazer doces, deitam-se 15 ovos muito bem batidos, 500 gr. de farinha de trigo, 600 gr. de açúcar, uma colher de sôpa de sal refinado, mas mal chela, duas colheres de água de flor-de-laranja, sumo e raspas da casca dum limão.

Amassa-se tudo muito bem, durante dez ou quinze minutos, e fazem-se depois biscoitos que se polvilham com açúcar. Levam-se, então, ao forno para cozer em lume forte.





**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75		
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56		
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS	19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9				
20,45								
(Meia hora de programa especial)								
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEA	25,3	WGEX	25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEX	19,5	WGEX	25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ	30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**



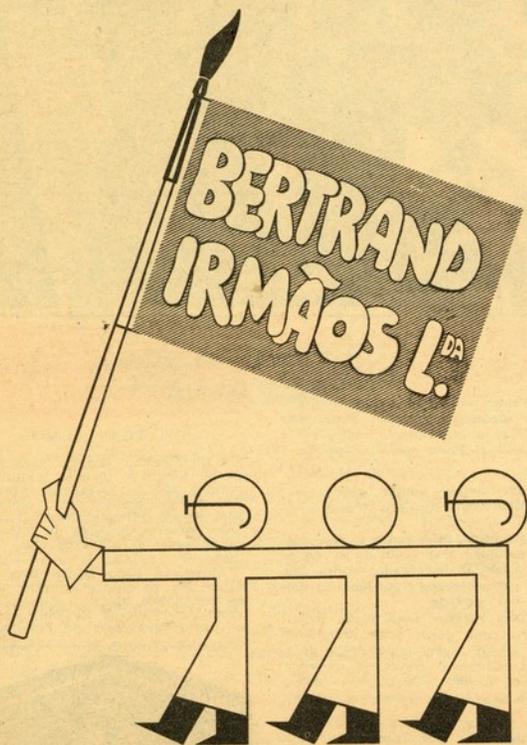
Construido na Suissa com a precisão dum cronómetro, de manejo facilimo, produzindo imagens brilhantes, altamente luminosas e estáveis, o projector

PAILLARD

representa a última palavra da técnica moderna e constitui o ideal de todos os amadores de cinema.

Peca hoje mesmo uma demonstração em

TÓDAS AS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS DO PAÍS



Os maiores ateliers gráficos do país

TELEF. P. B. X. { 21368
21227

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
LISBOA

P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever

PAPYRUS — O melhor papel para imprimir

PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.

PAPYRUS — Os melhores livros comerciais

PAPYRUS — Os melhores sobrescritos

PAPYRUS — O melhor papel para cartas



À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C^a (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

Uma defesa permanente contra as bactérias e uns dentes são e holer terá V. Ex. na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentifrica com Sulfamida

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento aéreo e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmacias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-2.º — LISBOA

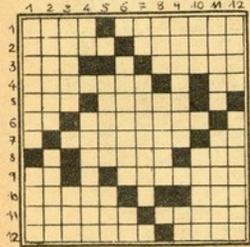
PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 38

Por José Gabriel de Matiz Soares da Graça.

Coimbra



J.G. MARIZ

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Botequim; delgado como um cabelo. 2—Afla; amofinado. 3—Numeral; troçaria. 4—Procrastinavam; campeão. 5—Transmite gratuitamente a outrém; mate. 6—Artigo definido; alugada. 7—Resposta dos Deuses a quem os consultava; a ti. 8—Pária; cont. de prep. e artigo. 9—Prefixo negativo; pequena lança, usada pela falange Macedónica. 10—Resgatais; imensidade. 11—Que têm asas; purificada. 12—Carne de porco conservada em tripa e com preparação para se poder comer crua (pl.); costumes.

VERTICAIS — 1 — Classes (fig.); cóleras. 2 — Corpos derivados do amoníaco, pela substituição do hidrogénio por um radical ácido; deseja ardentemente. 3 — Folgado; doença. 4 — Artigo antigo; gelada. 5 — Cada uma das varas que saem dos lados de um veiculo; ruído. 6 — Cães ferozes dos matos (Angola); catedral. 7 — Viração; cismar. 8 — Igual; subverter. 9 — Rehabilitado; designativo de alternativa. 10 — Pátria; dificuldade de respiração (Plural). 11 — Adictonavas; tosquilado. 12 — Modas; ponderaras.

PROBLEMA N.º 37

(Solução)



DAMAS

(Secção espanhola)

De «La Provincia» — Las Palmas — Espanha.

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora Telde — Grande Canária — Espanha

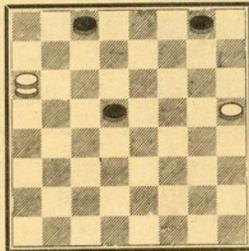
1.º Concurso Internacional de Problemistas de «Damas».

Composição n.º 6 (Final)

Lema: Sheik Sepia n.º 2

«La Provincia», 26-7-44 — Las Palmas — Espanha.

Prêtas 3 P.



Branças 1 D. e 1 P.

As brancas jogam e ganham.

Posição das peças.

Branças: Pedra em 17 e «Dama» em: 24.

Prêtas: Pedras em 19, 29 e 31.

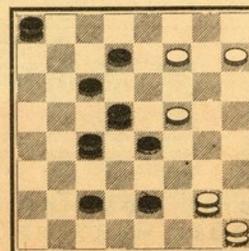
Atenção: Por lápso temos dito problema n.º 1, 2, 3, 4, 5 quando queriam dizer composição n.º 1, 2, 3, 4 e 5.

(Secção portuguesa)

Problema n.º 44 (Concurso)

Por: José António Reis Martins Caminha — Minho.

O autor dedica este seu trabalho a Manuel R. Pereira Gomes, de Caminha.



Jogam as brancas e ganham.

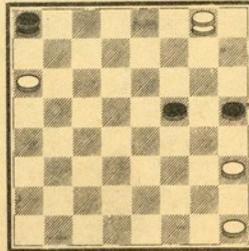
FINAL DO JOGO N.º 13

Por Francisco Henriques

Almeirim

(Dedicado aos valorosos «damistas» da equipa de Santarém, Ex.ªs Srs.: Henrique Ferreira, Júlio Paulino e José Domingos, e ao incansável organizador, Ex.ª Sr. Abílio R. David, pelas muitas gentilezas com que me têm distinguido)

Apresenta-se de novo este Final que, por lápso, foi aqui publicado em posição ilegítima



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 43 (Concurso)

Solução

21-25 { P. 11-21, 25-7; 7-16, 16-21 g.
P. 19-26, 25-21 g.

FINAL DO JOGO N.º 11 (Concurso)

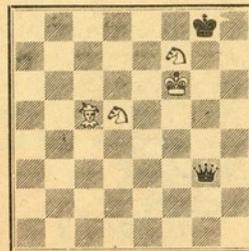
Solução

27-31, 25-18; { 24-2: 13-31. { 19-1:
2-9; 19-22 g. { 28-32 g.
31-13 { 24-15: 19-23; { 19-32;
5-19; 23-28 { 13-10 g.

XADREZ

ESTUDO N.º 11

Por H. Rthik



As brancas jogam e ganham.

ESTUDO N.º 10

Solução

1. Rg3, Re2; 2. Bc5, Rb3; 3. Bb6, Ra4; 4. Ba7, Rb5; 5. Bb8, Rc6; 6. Rg2 empata.

Ventura e o campismo



— Olá! Então que vem a ser isto? Com este grande calor, não foram montar uma tenda em plena cidade?



— Oh! sr. Ventura, que diabo de ideia! Porque veio montar aqui a tenda, em vez de ir gozar o campo em plena natureza? Olhe, se quiser, posso indicar-lhe um sítio esplêndido!

Sabe alguma coisa de cinema?

(Continuação da pág. 16)

Eis as respostas ao «test» da página de cinema:

- 1 — Rudolfo Valentino.
- 2 — Fedor Challapine.
- 3 — Artista dramática.
- 4 — «Os novos senhores».
- 5 — Lon Chaney.
- 6 — King Vidor.
- 7 — Paul Muni.
- 8 — António Leitão.
- 9 — «A Ponte dos Amores».
- 10 — Mary Pickford.



O negro que a salvou

por Suzanne Gannier-Raymon

ERAM cinco as senhoras que esperavam, numa sala mergulhada numa semi-obscuridade, que o negro lhes lésse qual seria o seu futuro. Uma rapariga entrou, vestindo um impetável branco. Os cabelos loiros e lisos caíam-lhe sobre as espaldas. Mais ainda do que o seu ar, ao mesmo tempo tímido e provocante, uma «maquillage» gritante chamava a atenção sobre o seu rosto de criança. Dir-se-ia que era uma camponesa que se preparava para representar no palco da sua aldeia, um papel de mulher sem cotação. Sentada na borda da cadeira, não se pôs nem a ler as ilustrações que estavam sobre a mesa nem se lamentava como as outras, do tempo que passava.

Muito atenta, olhava as vitrines, o velho canapé, o piano quarto de cauda. Depois, umas após as outras, as mulheres haviam sido introduzidas na câmara do adivinho, indo-se finalmente embora. Quando ficou só, levantou-se devagarinho, caminhou, pé ante-pé, para o lado da chaminé e tentou erguer o tabuleiro, por baixo do relógio suspenso da parede.

— Afinal, que queres tu?
Envolvto num «robe-de-chambre» em casa-mira, o adivinho abriu a porta. Maria ficou tão atrapalhada que não pôde pronunciar a frase que trazia muito bem estudada. De modo, que soube apenas dizer: «Futuro...»

— Sêrio? — replicou o homem negro. — És como todas as outras mulheres que vêm aqui para eu lhes prometer a felicidade. A felicidade, seja porque preço fôr. Mentirosa! A sua mão grande de fantasma, cheia de anéis, agarrou os pulsos de Maria.

— Anda cá!
Puxando a rapariga, entrou no velho compartimento guardado de móveis antigos em castanho e de chão coberto de tapetes. Divulgiu-se para um «divan» e levantou um quadro. Então, num pequeno nicho, apareceram maços de notas do banco, colares de ouro, pulseiras de esmeraldas, enquanto a voz do negro se erguia teatral.

— Aqui estás! Estás informada! É aqui que eu guardo tudo. Vai. Vai para o teu René. Dize-lhe que pode vir quando quiser!

René de Boiteux, esse fedelho queria roubá-lo! As suas mãos pequenas, muito peludas queriam tatear-lhe as paredes!
O mago desatou a rir. «Com um simples piparote, tinha-o feito cair sobre o tapete! Os dentes brancos do adivinho brilhavam de alegria na grande boca violácea. Maria, diante dele, sentia-se derrotada. Mas o seu ar afilto acabou por acalmar o negro. Limpou uma última lágrima de riso que lhe rolava na face e caiu no divan, ao lado de Maria.

— Minha pobre pequena. Como pudeste a rosa silvestre e mais fresco do que uma acreditar que eu ia acreditar na tua história infantil? O teu futuro! Como se o Boiteux consentisse que tu te metesses nesta trapaalhada. Todas as manhãs atravesso a tua rua.

Tu estás no «barzito». O Boiteux está contigo. Fala-te e tu tens medo dele. Ah! como tu tens medo desse imbecil, minha pequena! Ele olha-me. O que ele cobiça os meus brinco, os meus anéis, as minhas jóias... Esse desejo acentua-se-lhe mais no rosto, do que os sinais que lhe ficaram das beixigas, em pequeno! O meu dinheiro impede-o de dormir... Mas, como ele é um bravo — mandou-te a ti, a querida criatura, como batedor...

* * *

O negro agora, tornára-se grave e passava a mão pelo queixo e pelos cabelos cor de palha da rapariga. E Maria ouvava erguer para ele os olhos, pouco a pouco mais calma e mais segura.

— Que idade tens tu, pequena? Não, não digas, eu sei! Dezanove anos. O teu corpo, eu sei, tem sido tão acariciado... Mas não importa. Estou a ver o teu coração. Esse, sim, tem bem dezanove anos puros. É rosado como fonte a chamar-nos no meio de um deserto... Escuta-o, como eu o escuto. E siga-o...

O negro tomou Maria pela cintura e, docemente, continuou:

— Vejo duas casas que se interrogam, à beira de um caminho pedregoso. Atrás de todas, há uma forja. As galinhas cantam ali tanto como as «comadres». Dois cavalos de lavoura aguardam alguma coisa ou alguém diante da porta. E, diante do fogo, iluminado

pelas estrélas que desprendem da forja onde está a bater o ferro, vejo um homem novo... Como se chama?...»

— Francisco — soluça Maria.
— Talvez — diz o negro, semi-cerrando os olhos — talvez... Francisco... E por que não vais tu vê-lo, visto que sem cessar ele pensa em ti?

— Agora, já não tenho coragem — volta Maria a soluçar.

— E no entanto, é preciso ir. Quando te vir, há-de ficar tão maravilhado, como se o Sol descesse à Terra. Não pensa noutra coisa e tu nunca mais acharás triste a sua casa ennegrecida pelo fumo e pelo fogo, mas onde um granium vermelho há-de florir à janela — tu, minha pequena, que na cidade só conheste uma rua sinistra...

* * *

O mago abriu os olhos. Voltou-se para Maria e as suas mãos estreitaram-lhe os braços.

— Criança! Ouve bem o que te vou dizer! Vais deixar-me imediatamente. Descerás as escadas. Deter-te-ás na porta e depois... Escuta! Dêsse instante, daí, dependerá a tua vida! Compreendeste? — «A tua vida!» — Não atenderás a voz que te chamar e fugirás. Ah! quanto terás de correr, Maria! Mas antes morrer por tanto correr, do que ficar, porque morrerás também. Não voltes, sequer, a cabeça. Foge. Foge em direcção à «gare», compra um bilhete, toma o comboio que te levará à tua terra. Porque, então, estarás salva. Esquecerás a tua rua imunda, de novo sorrirás. Mas, sua cuidado... se René te apanhasse!...

* * *

O rosto de Maria tomou uma expressão de maior ansiedade e sofrimento. Parecia que duas mãos se lhe haviam colado fortemente à garganta. O adivinho abriu a porta e fez deslizar na algebeira de Maria uma «nota de quinhentos francos».

— Sê feliz! Isto é para a viagem. Mas, não te esqueças... Foge, fuge!

Sobre ela, a porta fechou-se lentamente. Maria ficou na penumbra da escada, indecisa, inquieta. Teria forças para fugir? Lá em baixo, desenhava-se o quadrilátero luminoso da porta, num convite a evasão. Maria desceu a correr. Chegou ao limiar e hesitou um momento. Mas, as palavras do adivinho soavam-lhe agora mais fortes aos ouvidos: — «É preciso correr!».

Maria sentia as pernas a tremer. Precisava de dominar nela o medo — aquele medo que sempre a detivera, cada vez que pensava fugir de Boiteux, um homem intolerável que dominava e explorava a sua ingénua fraqueza...

Agora, ele estava ali, à esquina, esperava-a, para saber o que se passaria em casa do adivinho. Iria ter com ela, quereria que ela lhe dissesse tudo...

Que havia de dizer-lhe? Sim, porque ele matava-a, se lhe dissesse que não soubera agir, se soubesse que o não soubera encobrir... Mas como havia de o convencer de que o adivinho... «adivinhara» tudo? Sim, René Boiteux não acreditaria. Iria mesmo pensar que o negro já havia telefonado a prevenir a polícia. Ah! sim, sim; ele matá-la-ia, acusá-la-ia de denunciante.

— Meu Deus! — murmurou Maria oprimida...

A rapariga pôs um pé na rua. Olhava à roda. Viu a figura repugnante de René e criou forças. Quanto pôde, correu, correu...

Atrás de si, uma voz gritava:

— Maria! Maria, ouve-me!

— Não! — gritou a rapariga.

Os passos dela criavam elasticidade mas as pernas começavam a fraquejar na fuga. Bem sentia os passos dele mais perto, a voz mais dentro dos seus ouvidos, a perturbação na sua ameaça.

— Se te apanho!

* * *

Um camião pesado surgiu da bruma. Ia passar bruscamente ao lado de Maria. Que fazer? Se se detivesse, a distância que a separava de René deixaria de existir. Já lhe sentia a mão nervosa e forte a dominar-lhe o pescoço...

— Não, não, antes a morte...

Se morresse sob o camião — acabava-se, morria...

Maria fechou os olhos e avançou rapidamente...

Para a morte? Para a vida?

O camião passou como um foguete, envolvendo-a num hábito forte... René ficava para lá do carro. E Maria continuou a correr. Correu sempre e só parou dentro da carruagem.

Agora, tinha a certeza de que se tinha libertado...

Levou de novo a mão à algebeira; lá estavam os quinhentos francos com que pagaria a passagem. Uma lágrima lhe correu lentamente pelas faces, enquanto murmurava:

— Obrigada!...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27